

Revista
Amar

EDIÇÃO 82 • ANO 8 • MENSAL • REVISTAMAR.COM

A portrait of a woman with short grey hair, smiling warmly. She is wearing a vibrant, multi-colored floral patterned dress with shades of green, red, orange, and white. She has gold hoop earrings and her hands are clasped in front of her. The background is a plain, light grey.

MANUELA MARUJO

JANEIRO 2023

Ficha Técnica

Direção

Carmo Monteiro
Manuel DaCosta

Edição Gráfica

Carlos Monteiro

Marketing

Carmo Monteiro
MDC Media Group

Fotografia

Carmo Monteiro

Colaboradores

Ana Tulha
Armando Correa de Siqueira Neto
Carlos Cruchinho
Lizandra Ongaratto
Madalena Balça
Manuela Marujo
Maria João Rafael
Margarida Rebelo Pinto
Sara Oliveira Dias
Zulay Costa

Agradecimentos

Galeria dos Pioneiros Portugueses
Jornal de Notícias
LiUNA Local 183
MDC Media Group
Notícias Magazine

Contacto

www.revistamar.com
@ info@revistamar.com
www.facebook.com/revistamar
416.806.7616

Revista
Amar[®]

Revista Amar é uma marca registada e empresa subsidiária dos grupos Cyber Planet Inc. e MDC Media Group.

Custo estimado por exemplar

\$7.99

Conteúdos

4 Liuna Local 183 doa \$1M ao Magellan Community Foundation

O primeiro cheque no valor de \$250 mil foi entregue por Jack Oliveira, business manager da LiUNA Local 183, para membros do Board of Directors da Magellan Charities.

8 Canadá, Olhares e Percursos de uma Portuguesa Curiosa

A Galeria dos Pioneiros Portugueses no 960 da Saint Clair Avenue foi pequena para acolher todos os que fizeram questão de estar presentes na sessão de lançamento do último livro de Manuela Marujo – Canadá, Olhares e Percursos de uma Portuguesa Curiosa.

20 Fleurs de Villes - Noël

Fleurs De Villes é um evento internacional, e escolheu Toronto pela segunda vez no mesmo ano, para receber este lindíssimo evento. Desta vez o tema foi o Natal, com especial ênfase para o Inverno, e para homenagear os ídolos canadianos da patinagem no gelo.

30 Manuela Marujo

Manuela Marujo publicou, ao longo da sua carreira académica, artigos e livros nas suas áreas de pesquisa. Depois de se aposentar, aceitou colaborar com regularidade no jornal Milénio Stadium onde foram publicadas 100 crónicas de viagens. Nos últimos dois anos, tem colaborado com a Revista Amar, contribuindo mensalmente com um texto que destaca um lugar, uma cidade ou um país que visitou.

46 Heróis nacionais improváveis Travessiaspo mar, por terra e por ar...

Em tempos de putativos heróis nacionais, que significado têm os feitos dos portugueses com menos divulgação mediática?

64 Saara, decerto!

Armando Correa de Siqueira Neto leva-nos por uma viagem por pelo maior deserto quente do mundo, o terceiro maior deserto da Terra.

72 Temas incontornáveis que vão marcar Portugal e o mundo

O relatório sobre os abusos sexuais na Igreja e a Jornada Mundial da Juventude, a privatização da TAP e o novo aeroporto de Lisboa, a execução do Plano de Recuperação e Resiliência e a guerra que promete continuar a pairar como sombra global. Ou então os desafios na Saúde, a expectativa quanto à promulgação da lei da eutanásia, o desfecho de sonantes processos judiciais. Os temas que prometem marcar o ano de 2023.

Janeiro 2023



Os artigos publicados na presente edição são da inteira responsabilidade dos seus autores, podendo não refletir as opiniões e posições da Revista Amar naquela matéria. A utilização do novo acordo ortográfico, na matéria da presente edição, ficou à inteira descrição dos seus autores. Os conteúdos publicitários publicados na presente edição são da inteira responsabilidade, com autorização e aprovação prévia dos seus autores.

TICKETS ON SALE SOON—JUST IN TIME FOR CHRISTMAS!



LIVE AT
UNIVERSAL EVENTSPACE
MAY 13, 2023

70ANOSCANADA.CA

ALL PROCEEDS WILL GO TO
HELP BUILD THE MAGELLAN
LONG-TERM CARE HOME FOR
PORTUGUESE SPEAKING SENIORS





LiUNA Local 183 anuncia doação de \$1M

O espírito de solidariedade é típico dessa época natalícia e recentemente quem ganhou um significativo presente antecipado de Natal foi a comunidade portuguesa, através da doação de um milhão de dólares realizada pela LiUNA Local 183 para a Magellan Community Foundation, anunciada no dia 07 de dezembro. O primeiro cheque no valor de \$250 mil foi entregue por Jack Oliveira, business manager da LiUNA Local 183, para membros do Board of Directors da Magellan Charities.

O valor foi arrecadado no último torneio de golfe da Local 183 e nos próximos três anos serão realizadas doações nesse mesmo valor, totalizando um milhão de dólares num período de quatro anos. "É importante apoiarmos essa causa e a comunidade, já que temos muito sócios pensionados e nos próximos cinco ou 10 anos vamos ter muito mais e esperamos que um dia se eles precisarem desse tipo de apoio possam recorrer a essa instituição", destacou Jack Oliveira. Ele também anunciou que a ideia para o ano de 2023 é de ampliar o Golf Tournament para 1500 jo-

gadores e 10 cursos, o que potencialmente aumenta as chances de doações para a causa. A Magellan Community Charities é um projeto que será composto por um prédio com 256 camas de cuidados prolongados, 57 unidades de habitação acessível além de um centro comunitário, em Toronto. Será uma verdadeira casa portuguesa para receber os mais velhos, onde o português será a principal língua falada e a comida, música e tradições portuguesas farão parte do dia a dia dos moradores. Entre os presentes no evento estava o empresário Manuel DaCosta, um dos idealizadores desse projeto e membro do Board of Directors da Magellan Charities, que falou sobre a satisfação de um parceiro tão relevante como a LiUNA Local 183 ter se juntado a causa: "Para nós esse é um grande passo. Uma União com toda essa influência, membros, com tanta capacidade de ajudar, como tem demonstrado junto a outras organizações, e nós, claro, estamos muito satisfeitos de recebermos essa doação e espero que essa parceria no futuro renda ainda mais frutos".



para a Magellan Community Foundation

Manuel DaCosta também falou sobre o andamento da construção: “Estamos bem adiantados, no caminho certo, agora precisamos que a comunidade se junte a nós, ainda falta um pouco de dinheiro, mas claro, o donativo de hoje já ajudou muito, mas um prédio sem fins-lucrativos como esse, precisa constantemente de ajuda, os nossos idosos que serão os moradores do local não terão verbas suficientes para pagar uma mensalidade. E é só quando o prédio estiver construído e a ser ocupado que o Governo de Ontário poderá nos transferir o dinheiro que foi prometido, quando nos der as licenças para operar o prédio”, concluiu DaCosta. Um passo adiante numa obra grandiosa e que promete levar mais conforto e dignidade aos mais velhos e que tanto contribuíram para a formação e consolidação da comunidade portuguesa no Ontário.

Ulysses Pratas, presidente da Magellan Community Foundation agradeceu a solidariedade da direção da LiUNA Local 183. “Esse donativo de hoje nos põe oficialmente a metade da nossa cam-

panha de arrecadação que é de \$15,2 milhões. Hoje ultrapassamos os \$7,5 milhões. Com isso, a partir dessa perspectiva, a ideia é de começar as obras de facto na primavera de 2023 para que, se tudo correr bem, no fim de 2025 já estaremos a ocupar a casa”. O pedido é para que aqueles indivíduos ou empresas que possam contribuir, o façam, quer seja financeiramente ou através do trabalho voluntário que é tão essencial, já que essa “casa portuguesa” será um legado da comunidade lusófona.

Lizandra Ongaratto
MDC Media Group





ESTÁ NA HORA DE RETRIBUIR

Ao fazer uma doação para o Magellan Community Foundation, está a ajudar a financiar a primeira casa de repouso de cuidados continuados para a comunidade de língua portuguesa no Ontário e ainda ajuda a construir habitações a preços acessíveis e um centro comunitário.



Ajude a proporcionar aos idosos que falam português os cuidados que merecem

MAGELLANCOMMUNITYFOUNDATION.COM



Patrocinado por





Magellan Community Charities

Atualização de fim de ano

Queridos doadores, membros da comunidade e amigos:

2022 tem sido um ano entusiasmante para o projeto do Magellan Centre e gostaríamos de aproveitar esta oportunidade para lhe proporcionar uma atualização de final de ano.

Antes de mais, o Magellan Community Charities e o Magellan Community Foundation (MCF) gostariam de felicitar o nosso Chair, Charls Sousa pela sua recente vitória nas eleições federais.

O Charles foi nomeado Chair do Magellan Community Charities em março de 2019 e tem vindo a desempenhar um papel fundamental no nosso conselho de administração, assim sendo, agradecemos todas as contribuições significativas que fez para a construção do Magellan Centre. E expressamos os nossos votos de sucesso como novo

MP de Mississauga-Lakeshore.

Estamos a trabalhar nas próximas etapas de governação e, no próximo ano, nomearemos novos membros do conselho para a MC Foundation e MC Charities. De momento, Ulysses Pratas foi nomeado Presidente Interino do Magellan Community Charities.

Procuramos também membros adicionais do Conselho para nos ajudarem a tornar o Macgellan Centre uma realidade. Quem estiver interessado em se candidatar para o conselho de administração, envie o seu currículo para info@magellancharities.ca.

O Magellan Community Foundation recebeu recentemente doações significativas de vários doadores. A LiUNA Local 183, o maior sindicato de construção da América do Norte, doou \$1.000.000 ao longo de quatro anos com uma doação de \$250.000 este ano para a construção do Magellan Centre. A New Canadians Lumber também doou generosamente \$500.000.

Até à data, angariámos um total de \$7.34M e concorreremos a vários subsídios do governo. Continuaremos a trabalhar arduamente na nossa campanha de capital para atingir a nossa meta de \$15.2M.

Em junho de 2022, a Cidade de Toronto reuniu o Conselho para aprovar o pedido de alteração do estatuto de zoneamento da 640 Lawrence Avenue. Queremos agradecer à Câmara Municipal de Toronto pelo seu apoio contínuo. Encontramo-nos agora no processo de envio para aprovação do Plano do Local e dos nossos requisitos financeiros ao Ministério de Cuidados Continuados, para a sua revisão e aprovação.

Além disso, o Ministério de Cuidados Continuados recentemente anunciou financiamento adicional para projetos de desenvolvimento de capital LTC. Este anúncio recente ajudará financeiramente muitos operadores, incluindo o Magellan Charities, na obtenção de financiamento adicional que nos levará um passo mais perto de colocar uma escavadora no terreno. Prevemos a emissão de licenças de construção e licitações de construção para o começo da primavera de 2023!

Para encerrar, gostaríamos de agradecer aos nossos doadores pelo seu apoio incansável e contribuições monetárias para este projeto primordial. Encorajamos também aos nossos doadores que espalhem a mensagem desta iniciativa pelos seus amigos e familiares para que considerem doar para este projeto histórico.

Poderá enviar as suas perguntas sobre este projeto por e-mail para info@magellancharities.ca

Desejamos-lhe e a toda a sua família, Boas Festas e um Próspero Ano Novo!

Conselho Administrativo,
Magellan Community Charities



Para doar, visite
magellancommunityfoundation.com



Canadá, Olhares e Percursos de uma Portuguesa Curiosa

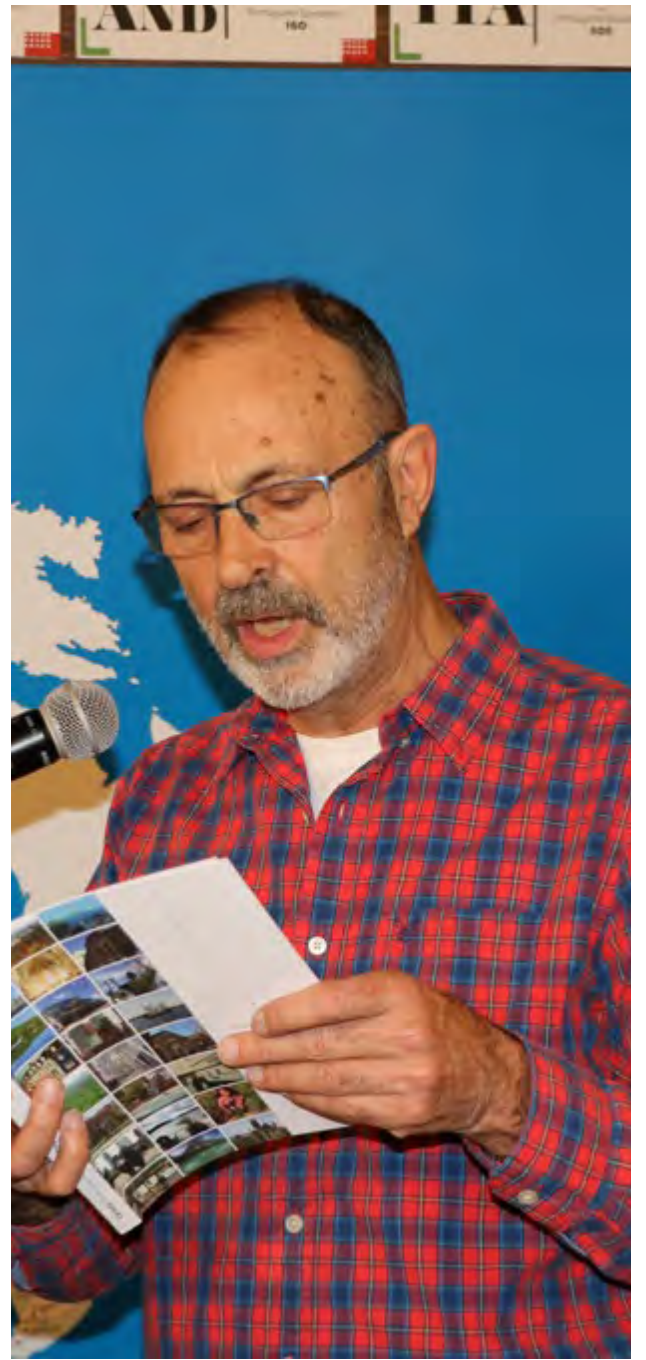
A Galeria dos Pioneiros Portugueses no 960 da Saint Clair Avenue foi pequena para acolher todos os que fizeram questão de estar presentes na sessão de lançamento do último livro de Manuela Marujo – Canadá, Olhares e Percursos de uma Portuguesa Curiosa.

A autora não podia estar mais feliz por, com esta edição, partilhar duas das suas paixões – escrever e tirar fotografias – e explicou-nos como nasceu a ideia de editar este livro - “devo-o ao Milénio, por ter recebido o convite para publicar crónicas de viagem (foram publicadas 100, não todas sobre o Canadá), e depois também passei a publicar mensalmente na Revista Amar. Quando pensámos neste projeto para a causa da Magellan, eu pensei que seria mais apropriado escolher as coisas que eu escrevi sobre o Canadá e dar a conhecer a muitos dos que me perguntavam “onde que é que é isso que você escreveu que eu nunca vi?”, os lugares de Toronto que não estão assim à vista. Aqueles que é preciso procurar, olhar, caminhar, andar de carro um bocadinho ou de transportes públicos. Ou seja, dar a conhecer esta cidade tão linda, uma província com tanta riqueza no aspeto natural, com parques maravilhosos e também me atrevi a propor uma visita à Terra Nova, essa província que tem tanto a ver conosco, e ainda às montanhas rochosas que eu considero um dos lugares mais lindos do mundo.” E Manuela Marujo sabe bem do que fala, porque esta portuguesa curiosa não se cansa de andar por aí a descobrir mundo, mesmo aquele que está mesmo ao nosso lado e tantas vezes nem nos apercebemos da sua beleza e existência. Para além das crónicas, o livro conta ainda com ilustrações de Stella Jurgen, um belo trabalho gráfico de Fabiane Azevedo e, claro, não faltam as fotografias de Manuela Marujo - “eu gosto muito de fotografia e agradeço muito à Fabiane Azevedo, que fez o grafismo, o facto de ela ter sido capaz de fazer a seleção entre as dezenas que eu lhe enviei. E a Stella inspirou-se nas minhas fotografias e desenhou um conjunto de ilustrações bem bonitas e criativas. Portanto, este livro é um misto de palavras e imagens. Quem não goste muito de ler, fica a saber que não precisa de ler muito porque as imagens já falam por si.” Este livro conta com um texto de apresentação de José Luís Peixoto, ele próprio um viajante incansável, que segundo Manuela Marujo rapidamen-

te acedeu ao convite pela amizade que o liga à autora, mas também por ter tido conhecimento do fundo solidário que esta edição encerra. “Eu sou daquelas pessoas que acredita que muitos poucos fazem muito e, portanto, se todos dermos um pouco conseguimos muito. O livro é apenas uma ferramenta para podermos contribuir para uma obra que merece todo o nosso apoio. A contribuição que as pessoas dão reverte integralmente para a Fundação Magellan, porque o Manuel DaCosta foi generoso e suportou todos os custos de publicação do livro. Portanto, tudo o que recebermos de doação vai tudo para a causa que é a construção do lar dos idosos” Manuel DaCosta lembrou que tudo começou exatamente com a vontade de Manuela Marujo poder contribuir para a angariação de fundos para o lar de idosos Magellan - “esta proposta surgiu numas conversas que eu tive com a Manuela em que ela me dizia que queria contribuir para a causa da Magellan. E, realmente, era pena que estas crónicas de tanta qualidade, não ficassem guardadas num livro. A ideia surgiu dessa maneira e eu penso que, no fim, o projeto correu bem e o resultado do produto final é muito bom. Espero que o livro seja aceite como deve ser, por causa da sua qualidade. Além disso esta é uma boa forma de ajudarem a angariação de fundos para a construção do nosso lar de idosos. Eu espero que a comunidade abrace este projeto, que seja generosa e que incentive outros a contribuir, porque precisamos de todos.” Canadá, Olhares e Percursos de uma Portuguesa Curiosa, aí está, ao dispor de todos os que quiserem viajar lendo e, ao mesmo tempo, ajudar uma causa que é de todos nós. Um belíssimo livro que chega mesmo a tempo de ser oferecido a alguém no Natal. Para receber este livro, basta entrar em contato através do telefone 437-914-9110 ou pelo e-mail manuelamarujo@gmail.com

Madalena Balça
MDC Media Group







FOTOGRAFIA © CARMO MONTEIRO



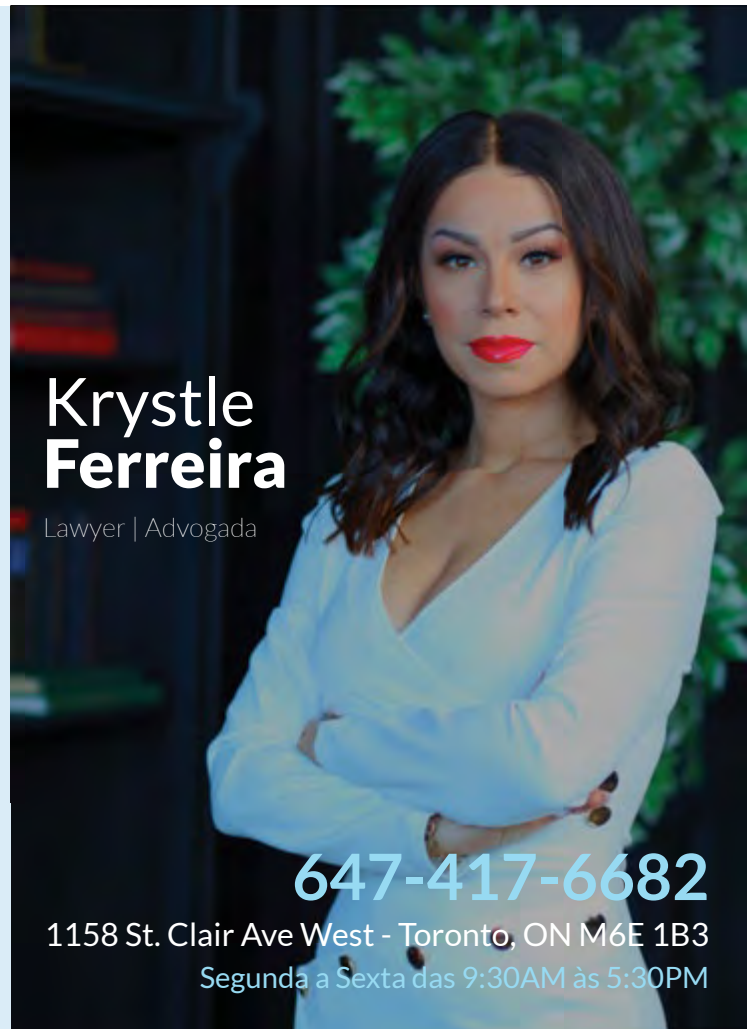


FELIZ ANO NOVO

**A SUA FIRMA NA COMUNIDADE
PROFISSIONALISMO A PREÇOS COMPETITIVOS**

Cada situação é única. Estou disponível para discutir o seu assunto consigo. Ligue grátis e sem compromisso.
Falamos português

**Real Estate
Relação de bens & Testamentos
Certificações
Notário**



**Krystle
Ferreira**

Lawyer | Advogada

647-417-6682

1158 St. Clair Ave West - Toronto, ON M6E 1B3
Segunda a Sexta das 9:30AM às 5:30PM



LiUNA Local 183 reuniu 1200 delegados e representantes de saúde e segurança no trabalho no jantar anual de Natal

Nesta quadra natalícia, com exceção dos últimos dois anos, a Local 183 tem a tradição de juntar, num jantar de Natal anual de agradecimento, os delegados e representantes de saúde e segurança no trabalho pelo serviço prestado, contribuindo de forma decisiva para o cumprimento tanto das leis laborais, como de segurança. Jack Oliveira, Business Manager da Local 183 e a sua direção executiva receberam, à porta e pessoalmente, os 1200 convidados no passado dia 3 de dezembro no Gerry Gallagher Hall da Local 183, na 1261 Wilson Ave. e, entre os delegados e representantes, destacaram-se as presenças de: Joe Mancinelli, vice-presidente-Internacional e Regional Manager da LiUNA; Jennifer McKelvie, vice-presidente da Câmara de Toronto; Martin Medeiros, vereador da câmara de Brampton; Monte McNaughton e Peter Bethlenfalvy, ministros provinciais do Ontário - do Trabalho e das Finanças respetivamente.

Jack Oliveira, que se encontrava satisfeito, sobre a adesão dos convidados disse que "depois de quase 3 anos de não usar este salão, acho fantástico vê-lo cheio outra vez, isto é um recomeço... não só para nós como, também, para os nossos sócios". Este even-

to é muito importante para a direção executiva da Local 183: "é um dia muito importante, é um dia onde retribuimos aos nossos delegados e representantes de saúde e segurança no trabalho que fazem lá fora, como ajudar a proteger os membros, certificar que os contratos de trabalho sejam cumpridos... e tudo que posamos fazer por eles, nunca chega!" disse Jack Oliveira.

Como tem vindo a ser habitual o Business Manager, mais uma vez, enalteceu o trabalho dos membros pioneiros, que é a base fundamental deste sindicato: "não podemos esquecer os nossos pensionistas, pois sem eles hoje não estaríamos aqui."

Sobre a presença das individualidades políticas, Jack Oliveira explicou à Revista Amar que se deve ao facto de "terem ajudado a LiUNA com postos de trabalho. É bom ter um número elevado de sócios, mas é preciso ter trabalho para eles."



O ministro do Trabalho do Ontário, Monte McNaughton, quando questionado sobre a importância do sindicato para o governo e desenvolvimento da província, confidenciou-nos que “acredito em sindicatos no setor privado. Isto são empregos com pensões e benefícios e precisamos de mais pessoas neste tipo de ramo laboral. Nós, o governo, vamos investir 1.5 bilhões de dólares nos próximos 4 anos para atrair jovens para as diversas atividades especializadas em parceria com os sindicatos do setor privado, para que possam ter um emprego, reforma e benefícios.”

Joseph Mancinelli, vice-presidente-Internacional e Regional Manager da LiUNA, contou-nos que “2022 tem sido um ano incrível. Como podem imaginar, depois de sairmos de uma pandemia onde as pessoas estiveram completamente isoladas e por vezes sem a melhor forma de comunicar, juntarmo-nos com 1200 pessoas neste salão no fim do ano para celebrar todas as coisas boas que vieram depois de uma pandemia... e realmente muito bom!” e realçou as mais relevantes: “os nossos membros trabalharam durante a pandemia, por si só isso foi maravilhoso, comparando com as outras indústrias; batemos o recorde de número de membros na Local 183 que já ultrapassou os 67.000 membros, mas temos que adicionar a cada um deles o agregado familiar também, o que significa que a Local 183 cuida - através das pensões e benefícios - de mais de 200.000 pessoas. E um exemplo disso são os filhos, gémeos, de um dos nossos membros que vocês tiveram oportunidade de conhecer hoje, que precisavam de uma cirurgia muito cara e que se não fosse pela intervenção da LiUNA Local 183, ambos iam cegar em poucos anos... sei que estou a falar só de duas crianças, mas são o bom exemplo de todas as coisas boas que uma organização, como a nossa, pode fazer pelas famílias! Eu não sabia que os gémeos iam estar aqui hoje

e foi uma surpresa muito boa... adorei vê-los aqui, especialmente por ser a época de Natal.” Sobre o ano 2023, que se aproxima, Joe Mancinelli confidenciou-nos que “vai ser um ano de muito trabalho... de bater recordes. O governo provincial anunciou um programa de habitação que é necessário na província e que vai abrir muitos postos de trabalho, mas infelizmente nós não temos membros suficientes... apesar de estarmos a festejar o aumento de membros para mais de 67.000 na província do Ontário, ainda nos faltam 230.000 membros para os postos de trabalho que vem aí... e ‘ontem’ precisávamos de 20.000 novos membros para os postos de trabalho atual... faltam trabalhadores neste momento! Agora imaginem em 2023 e nós não vamos conseguir chegar a esses números somente a dar formação aos jovens estudantes, pois já o estamos a fazer isso nos nossos centros de formação e que só vão dar fruto daqui a uns anos. Agora precisamos de emigrantes e sei que já me ouviram a dizer isto, mas repito... precisamos desesperadamente de emigração no Canadá, hoje mais do que nunca! (...) Mas estou confiante que vamos continuar a trabalhar com ambos os governos, provincial e federal, para conseguirmos alcançar os objetivos.”

A equipa da MDC Media Group deixa o seu agradecimento, à LiUNA e Local 183 pelo trabalho desenvolvido nas diversas áreas.

Carmo Monteiro
MDC Media Group





FOTOGRAFIA © CARMO MONTEIRO





**O BOM SABOR DA COMIDA
TRADICIONAL PORTUGUESA**



O PÁTIO
Churrasqueira

416.792.7313
2255 Keele St.
North York

**PRATOS VARIADOS
COZINHA TRADICIONAL
PORTUGUESA**

Produtos Frescos
Aberto 7 dias/semana
• Catering • Take-Out
• Bar & Salão de Jantar
• Pátio exterior fechado & aquecido



FOTOGRAFIA © CARMO MONTEIRO





Charles Sousa eleito para o Parlamento Federal

Desde do dia 12 de dezembro que Mississauga-Lakeshore tem um novo MP no Parliament Hill, em Otava... Charles Sousa. O luso-canadiano anunciou a sua vitória, com 51,2% dos votos nas eleições intercalares, num dos salões do Oasis Convention Center. Acompanhado pela esposa e pelas filhas, Charles Sousa agradeceu, durante o seu discurso, aos membros da sua equipa e aos muitos voluntários que participaram nesta campanha. Charles Sousa ainda revelou que já tinha tido uma breve conversa com Justin Trudeau, primeiro-ministro do Canadá e expressou o seu agradecimento pelo o apoio que teve do líder do partido Liberal. O político lusodescendente ainda deixou uma garantia: "Este é o compromisso que assumo com uma visão positiva para o nosso futuro comum, proteger o ambiente e fazer crescer a nossa economia" e "quero que saibam que estou aqui para dar apoio, para trabalhar convosco e com a comunidade e para ser pragmático na procura das soluções certas para os desafios que enfrentamos e para procurar essas soluções no Parlamento Federal."

Carmo Monteiro
MDC Media Group





THE QUEEN'S
PLATINUM JUBILEE
LE JUBILÉ DE PLATINE
DE LA REINE

2022 marks the 70th anniversary of her Majesty's accession to the Throne. She is Canada's longest reigning Sovereign and the first to celebrate a platinum jubilee.

The emblem of the Platinum Jubilee, created for this occasion by the Canadian Heraldic Authority, features the Royal Crown and the Royal Cypher (EIIR) as personal symbols representing the Queen. With its seven-sided shape, seven maple leaves and seven pearls, it marks seven decades of service to Canada and embodies the idea celebration.

Received by Teixeira Accounting Firm,
November 2022



“ If you go across the riding you will see an unbelievable diversity of small businesses anchored in coffee shops and restaurants and pop-ups that come and go, are the professional services that serve the local community, they are a part of the life lines of our community and almost all of them are started by hard working immigrants to our Country.

This Davenport business award winner is the son of two Portuguese immigrants from São Miguel, the largest of nine islands of Azores. The father of our winner opened his accounting practice in the Davenport Riding in the 1970s serving the large and growing Portuguese immigrant community. Our winner pursued his Bachelor of Business Degree in the York University and took over his father's business growing the operations to twelve full time and two part time employees, and he also grew into the largest accounting office in any Portuguese community in Canada.

Next year the firm will celebrate 50 years of operations serving the Davenport community and the broader Toronto Community.

This hardworking small business is not just about providing much needed services to the community and creating jobs, it also has made mentoring youth and providing internships a priority, and it serves as model for other small businesses as they provide scholarships to students through the F.P.C.B.P. They have raised hundreds of thousands of dollars for the friends of the Covenant House. They support local futebol teams and local Portuguese Casas. They are also significant donors to an affordable housing project and long-term care facility that it has been proposed for the Davenport Riding. They also provide reduced cost income tax returns and advice to low-income seniors.

These are just some of the many things that this amazing business has done through the years.

They are a model and I believe many of the small business across of this riding will see that as an inspiration.

I would like to invite Carlos Teixeira from Teixeira Accounting Firm to accept the Davenport Business Award.”

Julie Dzerowicz, awarding Teixeira Accounting Firm, November 2022



HelpingBusinesses.com

1015 Bloor Street West (Bloor & Dovercourt) | 416.535.8846

**PROTECTING YOUR FUTURE
FOR OVER 45 YEARS**



PATRICK VIEIRA
CEO
patrickv@vieirainsurance.com



JOSEPH VIEIRA
PRESIDENT & CHAIRMAN
josephv@vieirainsurance.com

PERSONAL INSURANCE SALES TEAM



NELSON PINTO
ACCOUNT EXECUTIVE
nelsonp@vieirainsurance.com



BRYCE LAWSON
ACCOUNT EXECUTIVE
brycel@vieirainsurance.com

**HOME • TENANT • COTTAGE
AUTO • CLASSIC CAR
ATV • MOTORCYCLE**

COMMERCIAL INSURANCE SALES TEAM



MARLAENA F. SILVA
VP COMMERCIAL LINES
marlaenas@vieirainsurance.com



NANCY DORLING
ACCOUNT EXECUTIVE
ndorling@vieirainsurance.com

**CONSTRUCTION • HOSPITALITY
MANUFACTURING • REAL ESTATE
COMMERCIAL AUTO • FLEET
PROFESSIONAL LIABILITY • BONDS
COMMERCIAL GENERAL LIABILITY**



Fleurs



de Villes

NOÏËL

No passado mês de dezembro, tivemos a midtown engalanada e florida, para receber o Natal. Fleurs De Villes é um evento internacional e escolheu Toronto, pela segunda vez no mesmo ano, para receber este lindíssimo evento. Desta vez o tema foi o Natal, com especial ênfase para o Inverno e para homenagear os ídolos canadianos da patinagem no gelo.

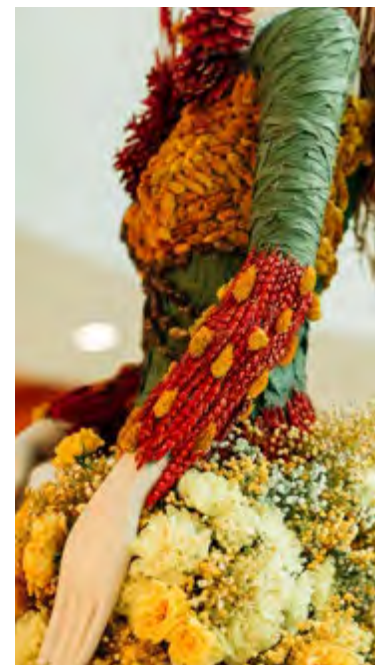
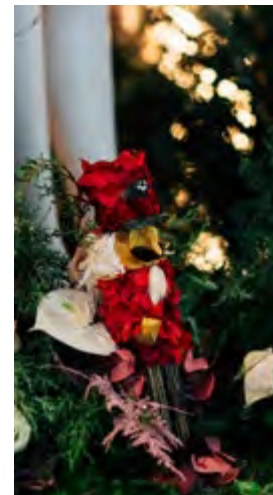
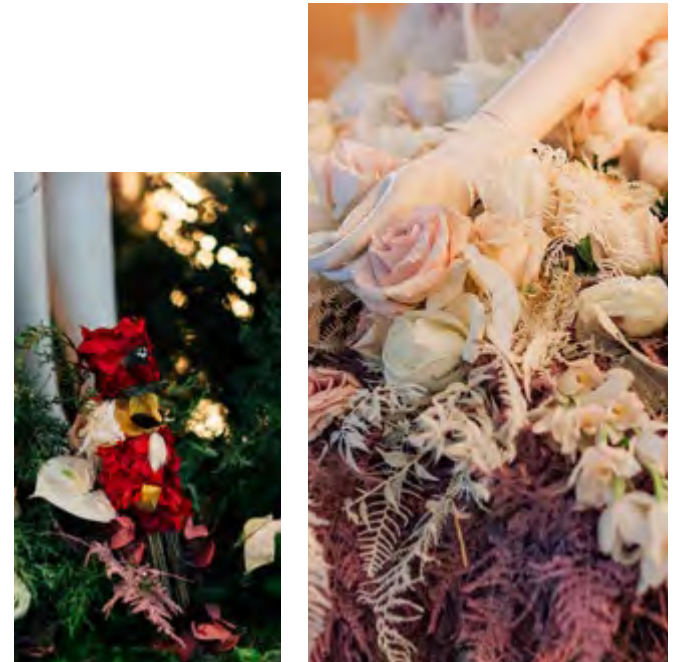
Como é apanágio, o bairro de Yorkville, vestiu-se de grinaldas e coroas de festa, em instalações artísticas únicas de flores frescas aliadas ao talento dos floristas locais, convidando os transeuntes a descobrir verdadeiras obras de arte ao longo de um itinerário que surpreendeu em esculturas complexas em forma de candy cane, toboggans e manequins à porta de lojas, escadarias, candeeiros de rua, entradas de edifícios, hotéis, baloiços, montras e muito mais.

Maria João Rafael

Consultora de Imagem

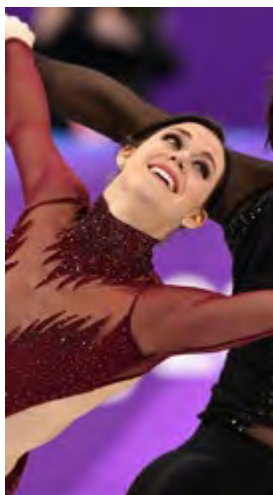


Bailarina do bailado do Nutcracker, de Tchaikovsky, no Hotel Park Hyatt. Criação de Derêves Floral e Design.



O edifício Yorkville Village, no piso superior, homenageou grandes nomes da patinação artística. Numa mistura de flores secas e rosas amarelas, surgiu a figura da patinadora Kaitlyn Weaver, com o inesquecível vestido amarelo, com que ganhou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 2015, em Seul, juntamente com Andrew Paje. Trabalho da autoria de Hana Floral Designs.

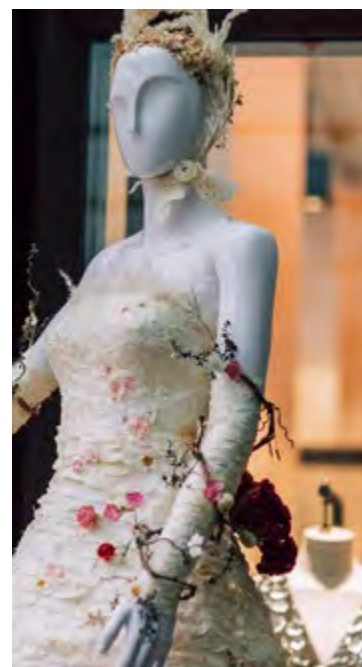
No mesmo edifício, encontramos Tessa Virtue - detentora de cinco medalhas olímpicas e atualmente embaixadora da Microsoft. Conhecida pelo seu estilo único e pelas suas parcerias na moda, este vestido recriado em flores frescas e colagem de fetos, foi usado nas olimpíadas de 2018, em PyengChang, onde conquistou mais uma medalha de ouro, junto com o seu parceiro Scott Moir. A criação é da autoria de Parris Floral Designs.



A patinadora Kirsten Moore, junta-se às figuras ilustres do gelo, recriada por Inspire Design Studio. Vencedora pela terceira vez do campeonato nacional no ano passado, juntamente com o seu par Michael Marinaro. A Inspire Design Studio construiu a réplica exata que Moore usou no campeonato de 2022 - vestido vermelho. O que torna a criação interessante é que os autores do manequim foram, ao longo dos dias, mudando a figura... ora de pé ora sentada.



Elvis Stojko foi a única figura masculina da patinagem nacional, em exposição. Três vezes campeão mundial e sete vezes campeão nacional, da modalidade de patinagem artística no gelo. Esteve representado por Happy Fair Art.



Manequim patrocinada pelo Champagne Louis Roederer, à entrada do restaurante One, do Hotel Hazelton. Autoria de Flora e Farfalla.

A Rainha da Neve, da autoria de Olivia's Garden Flower and Café.



Manequim Festa. Entrada do Holt Renfrew. Criação de Marie Lavander Flowers.





Rainha Candy Cane Lane, no parque da Cumberland St. Autoria de Kata@Flowers.

Rainha do Inverno; no edifício Manulife Centre, por Florium.



Trenó na Bloor, à porta da William Ashley. Criação de Lena's Floral Design.



Mr. e Mrs. Floral Claus, representados pela Florigens Design, no Manulife Centre, junto à Eatly.



Unwarp the Wonder, na escadaria do Holt Renfrew, da autoria de Fresh Floral Creations – já habitues neste evento, encantam-nos com estas fofuras. Bom Ano!

The image features a large background photograph of a white windmill with four lattice-patterned sails, set against a dramatic blue sky with wispy clouds. The windmill is situated on a hillside with some low stone walls in the foreground. In the center of the image, the logo for Windmill Group Corporation is displayed. The logo consists of a stylized white windmill icon above the word 'Windmill' in a large, white, serif font. Below 'Windmill' is the text 'Group Corporation' in a smaller, white, sans-serif font, and further below, 'CONCRETE AND DRAIN WORK' in an even smaller, white, sans-serif font. At the bottom of the image, the contact information '905-636-8860 windmill@bellnet.ca' is written in white text.



pistachio
**crusted
salmon**



STATE & MAIN
KITCHEN ★ BAR

289-917-0198 | STATEANDMAIN.CA
3584 MAJOR MACKENZIE DR. W, VAUGHAN

Amorim Hospitality Group



BEAUTIFUL BUT NOT PRACTICAL

Viana Roofing & Sheetmetal Ltd. is a progressive roofing, waterproofing and restoration company who has successfully completed thousands of projects over the past **34 years**. Our services include all types of roofing, sheetmetal and siding, caulking work, waterproofing and more.

ROOFING SOLUTIONS YOU CAN TRUST



74 Advance Road
Toronto, ON M8Z 2T7
T 416.763.2664
F 416.763.5195
info@vianarroofing.com
vianarroofing.com



MANUELA MARUJO

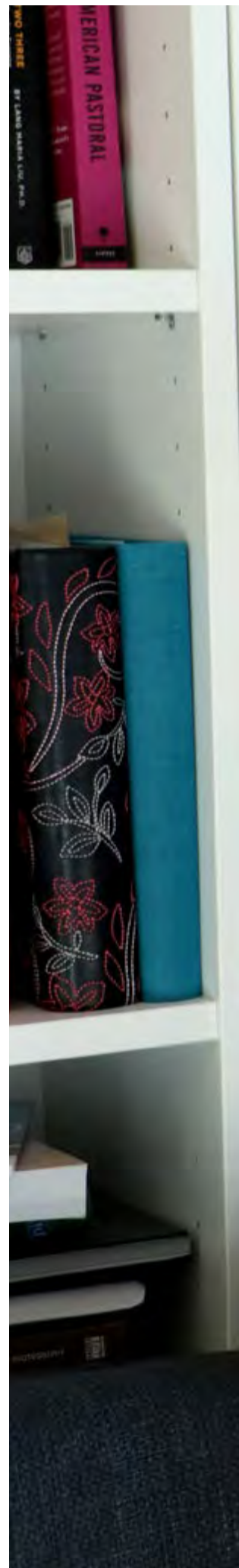
Manuela Marujo, docente na Universidade de Toronto no Departamento de Espanhol e Português entre 1985-2017, é atualmente Professora Associada Emérita dessa universidade. É licenciada pela Universidade Clássica de Lisboa e doutora pela Universidade de Toronto e pela Universidade dos Açores. Lecionou e fez formação de professores de Língua e Cultura Portuguesa em vários países e deu inúmeras palestras pelo mundo.

Manuela Marujo organizou congressos, conferências e publicou nas áreas de educação, ensino de línguas e imigração, particularmente em assuntos relacionados com mulheres. Um de seus temas mais recentes de estudo foi o papel e a influência dos avós imigrantes na vida dos netos. Criou as redes “A Vez e a Voz da Mulher Imigrante Portuguesa” e “A Vez e a Voz dos Avós”.

Durante os mais de trinta anos no Departamento de Espanhol e Português, foi curadora de variadas exposições na Universidade com enfoque na literatura, nas artes e herança cultural. Trabalhou também de perto com a comunidade luso-canadiana em Toronto, fazendo a ponte entre a universidade e a comunidade em geral.

Manuela Marujo publicou, ao longo da sua carreira académica, artigos e livros nas suas áreas de pesquisa. Depois de se aposentar, aceitou colaborar com regularidade no jornal Milénio Stadium onde foram publicadas 100 crónicas de viagens. Nos últimos dois anos, tem colaborado com a Revista Amar, contribuindo mensalmente com um texto que destaca um lugar, uma cidade ou um país que visitou.

A autora confessa ter uma paixão particular por conhecer terras e gentes e incentiva os leitores a descobrir os lugares que recomenda.





Créditos © Carmo Monteiro



Londres (1970)
Créditos © Manuela Marujo



Excursão do 7.º ano a Espanha
Créditos © Manuela Marujo

Revista Amar: Manuela, conte-nos um pouco de si...

Manuela Marujo:... Portanto, eu identifico-me como alentejana. Sou de uma aldeia do Alentejo, perto de Beja onde fiz o Liceu e quando fui para a Faculdade, tive no início dificuldade em disfarçar o meu sotaque. Tanto que na Faculdade, diziam-me “és alentejana” e eu perguntava como é que sabiam e respondiam que era pela maneira como eu falava e eu nunca tinha percebido que tinha um sotaque diferente das outras pessoas de Lisboa. Fiz um curso de fonética (...) e a pouco e pouco tive que me libertar do meu sotaque. Mas sou alentejana e tenho o espírito do Alentejo e tenho bons amigos ainda do Liceu, com quem me dou. Fiz a Estrada Nacional, há três anos, com um grupo de dez pessoas do meu Liceu. Portanto, tenho aquele regionalismo, que é uma coisa muito portuguesa de se manter, as nossas raízes. Embora, quando fui para Lisboa, para a Faculdade, os meus pais vieram atrás e nunca mais regressámos ao Alentejo. Por conseguinte, já não tenho família chegada no Alentejo mas, sempre que posso, gosto de voltar. Desde que era criança que adoro sair, viajar e lembro-me o que teve muita influência nisso - até escrevi uma história sobre o assunto -, a minha avó materna disse-me uma vez que tinha pena de não ser cigana e eu, dos ciganos, só via aquelas pessoas dos acampamentos e os burros (risos), e só muito mais tarde é que perguntei à minha avó, o porquê de querer ser cigana e ela respondeu “porque eu gostava de conhecer outras terras e os ciganos andam sempre de um lado para o outro”.

RA: Mas nasceu em Beja?

MM: Não, eu nasci em Santa Vitória, que é uma aldeia vizinha de Beja. O meu pai era funcionário público e por acaso foi transferido para uma outra aldeia ao pé de Monchique, Santa Clara-a-Velha, quando eu tinha cinco anos. Na realidade não sou de uma aldeia... sou de duas aldeias (risos). Em Santa Clara-a-Velha, temos muita influência do sotaque da serra algarvia e então, quando eu ia para Beja chamavam-me “serrana” e depois quando ia a Santa Clara diziam-me que eu falava à moda de Beja.

RA: Que importância pode ter o sotaque na vida das pessoas?

MM: Como professora de Línguas, acho que é muito importante a maneira como nós falamos. Somos logo definidos e rotulados. De facto, às vezes o rótulo impede-nos de fazer coisas que gostávamos de fazer. (...) Por exemplo, como todos nós, adultos, que viemos para aqui, eu vim para o Canadá com 36 anos e, embora falasse muito bem Inglês, pois era professora de Inglês de profissão nas Direções Escolares onde fiz muito trabalho de envolvimento dos pais, os diretores diziam-me “You have such a cute accent” e isso dava-me raiva porque aquilo era uma maneira de dizer “você não fala Inglês como eu”.

RA: É lembrar-nos que somos “estrangeiros”...

MM: ... é e quando me diziam isso, durante muito tempo eu tive a preocupação de perguntar: “Mas não me diga que você não fala línguas?! É que só as pessoas que falam muitas línguas é que têm sotaque. Você é monolíngue? Desculpe, mas tenho pena de si.” E esta foi a maneira que encontrei de me defender... mas na altura, se pudesse, ainda acrescentava que ser monolíngue traz muitas desvantagens, porque o “mundo” fica muito pequenino, etc.. Um problema que a maioria das pessoas tem é não falar a norma, isto é a “língua padrão”. Acho que isso foi sempre uma coisa que eu notei desde criança, por ser do Alentejo e depois, quando comecei a aprender línguas, e uma das minhas decisões mais importantes da vida foi que eu decidi ser professora de Português como Língua Estrangeira. Embora a minha formação seja em Inglês e Alemão pois eu fiz Filologia Germânica, na Universidade Clássica de Lisboa.

RA: Alemão?

MM: Sim e falava muito bem. Infelizmente, desde que vim para aqui, nunca mais tive “contacto” com a língua... mas ainda consigo ler algumas coisas. Estudei Alemão, fui trabalhar para a Alemanha nas férias, dois verões: em Colónia e Düsseldorf, respetivamente e aprendi a falar um ótimo Alemão.

RA: E voltou à Alemanha?

MM: Depois regressei à Alemanha e arranjei um trabalho como babysitter na casa de uns diplomatas em Bad Godesberg, que era uma cidadezinha como Otava e concorri a uma universidade alemã, a Universidade de Bona. Fui a uma entrevista muito rigorosa, um exame de cultura geral e eu falava de tudo em Alemão naquela altura: política, economia, etc. e fui aceite. Mas, fui aceite no ramo da filosofia e pensei “eu não quero fazer filosofia, quero mais línguas, literatura” e tomei a decisão de ir embora. Contudo, a Alemanha representou uma parte importante da minha vida.

RA: De facto, gosta mesmo de viajar...

MM: Isso realmente deve ter ficado algures na minha sensibilidade de criança. Quando há pouco falámos que, em criança, não entendia porque a minha avó queria ser como os ciganos... mas depois percebi! Os ciganos têm uma língua própria, que é o Romani e andam livres, de terra em terra. Então, acho que fui influenciada por isso, porque quando eu saí da minha terra aos cinco anos, eu lembro de a minha mãe chorar, as amigas a chorar e eu pensei assim, “mas porque é que estão a chorar? É tão bom ir viajar!” e lembro-me dessa viagem numa camioneta de carga, não sei... mas felicíssima! Portanto, quer dizer isso que desde de muito pequena que tenho essa consciência de que ir para outros lugares é aprender outras coisas. Sempre vi “viajar” como parte da educação.

RA: Viajar é sinónimo de aprender?

MM: Viajar é aprender. Viajar é ver outras pessoas, aprender muitas coisas. Logo que entrei para a Faculdade, o meu pai avisou-me “filha, tu escolheste Inglês e Alemão, não poderás ser boa intérprete, tradutora etc. se nunca fores a esses países e falares com as pessoas de lá”. Então, a minha primeira viagem foi para a Inglaterra e depois para a Alemanha, com essa consciência do que o meu pai me tinha dito antes de falecer. E, isso reforçou de certa maneira aquela minha primeira ideia de viajar. Eu não podia nunca ser boa professora - de Alemão ou de Inglês - se eu não falasse ou tivesse a certeza de que as pessoas me percebiam e eu a elas, ou seja, conviver com pessoas de outros países, não é? Na Inglaterra, quando eu estive em Londres, foi a minha primeira experiência multicultural. O Canadá é o que a Inglaterra era nos anos 70... eu estive lá em 1971. Então, essa coisa de muitos grupos étnicos, muitas cores e muitas línguas foi para mim sempre um fascínio. Lembro-me que na Alemanha, em Bona, na universidade, eu falava com estudantes de todos os países. Tanto que uma vez, um rapaz perguntou-me “Manuela, mas tu falas as línguas todas do mundo? É que todos te compreendem!”, porque eu falava francês aprendido, obrigatoriamente, no liceu; percebia os espanhóis por causa do português; percebia os africanos que tinham sido colonizados pela França, percebia todos os que tinham sido colonizados pelos ingleses e depois tinha o Alemão. Então eu falava com as pessoas da Nigéria, da Hungria, etc... e foi a consciencialização de como era bom ter umas línguas básicas, sabe? Porque as línguas, de facto, abrem depois as portas para a cultura daqueles países todos e isso sempre me motivou nesta carreira, quero dizer - línguas e viagens, portanto saber mais línguas, poder ir e falar com as pessoas era muito importante para mim.

RA: Depois de se formar, qual foi o país que escolheu para iniciar a sua carreira?

MM: O meu primeiro trabalho foi no Lobito, em Angola, em 1972. O meu irmão estava a cumprir serviço militar em Angola e eu pensei que era a minha oportunidade de conhecer África. (...) Em Angola tive uma experiência fantástica como professora e eu não tinha pensado ser professora porque, como a maior parte dos estudantes, também eu achava que os professores eram velhos e chatos. Porém, como era novinha, naquela altura tinha 23 anos, eu era quase da idade de algumas das minhas alunas do liceu e disfarçava, porque andávamos todas de bata. Eles empurravam e diziam palavrões ao pé de mim como se eu fosse uma aluna (risos), eles não reparavam que não o era. Essa experiência no Lobito foi muito positiva e de tal maneira que determinou a minha carreira, porque também percebi outra coisa... ser professora não é sinónimo de não se viajar, pelo contrário. Fui para Angola, porque escolhi ir para lá lecionar e então eu vi que podia conciliar essas duas partes, não é? E foi o que fiz durante o resto da minha vida.

RA: Quantos irmãos é que tem?

MM: Tenho dois irmãos mais novos. Esse meu irmão com quem fui ter a Angola faleceu há dois anos e tenho um irmão quatro anos mais novo que eu.

RA: Casou e tem uma filha...

MM:... sim e estive 17 anos casada com o pai da minha filha. Conheci o meu primeiro marido em Angola e tivemos uma vida em Angola. Depois quando houve a descolonização, porque nós estávamos lá quando foi o 25 de Abril, fomos para Portugal. Em princípio nós iríamos ficar em Angola se não tivesse acontecido o que aconteceu.



"Comenda Ordem do Infante D. Henrique, Grau de Comendadora"
Créditos © Manuela Marujo



Participação no Congresso "A Vez e a Voz da Mulher em Portugal e na Diáspora"
Créditos © Manuela Marujo



Em família
Créditos © Manuela Marujo



Na praia no Brasil
Créditos © Manuela Marujo

RA: Quando regressa a Portugal, continua a lecionar?

MM: Sim. Escolhi, a certa altura, ensinar Português como Língua Estrangeira. Eu tinha tido um convite da Faculdade de Letras para ensinar lá cursos para estrangeiros, portanto, Português - Língua Estrangeira. Gostei muito... era muito interessante e fui recebendo convites para outros lugares.

RA: Algum desses convites foi para fora de Portugal?

MM: Sim, para a Suécia e ensinar Português para estrangeiros. Fui três anos seguidos e comecei a aprender Sueco, mas depois não deu para continuar. A seguir dei uns Cursos de Formação a professores que estavam a ensinar Português na Alemanha e fui várias vezes lá, portanto, meti-me um bocadinho na formação de professores.

RA: Mas foi na Suécia que encontrou outro lado do ensino, certo?

MM: Certo. Quando estive na Suécia, reencontrei uma professora que eu conhecia da minha aldeia e que dava aulas para filhos de emigrantes portugueses e eu achei aquilo muito interessante, que houvesse países como a Suécia em que a professora ia dar aulas a muitas escolas só para atender às necessidades das crianças portuguesas. Ela tinha dois alunos nesta escola, dois alunos naquela e cinco alunos naquela... a professora é que ia às escolas e não eram os alunos que se deslocavam. E eu comecei a estudar um bocadinho essas políticas de ensino de línguas, porque isso interessava-me imenso. Um dia fui aos Serviços do Ensino Básico e Secundário no Estrangeiro, Ministério da Educação, e disse que gostaria de trabalhar lá (risos). Já não me lembra como consegui a entrevista, mas a Responsável perguntou-me, "Mas porque é que quer vir para aqui? Qual é a sua experiência?", eu respondi "nenhuma, mas tenho viajado e tenho visto que os professores precisam de muita ajuda e de formação. Acho que tenho alguma experiência e gostava de vir trabalhar para aqui". (...) O meu primeiro trabalho lá foi fazer uma revista para crianças imigrantes chamada CONTACTO. Claro, aquilo exigia bastante dinheiro para se distribuir para os países todos de emigração e a revista durou, para aí uns três números. Mas, uma das funções desses Serviços, era mandar formadores para reciclar os professores. E foi para fazer isso que eu vim ao Canadá da primeira vez.

RA: E em que ano?

MM: O ano letivo de 1980/81.

RA: Veio visitar as escolas de Toronto?

MM: Sim, mas não só. Em Toronto fui à escola do First, à da "Dona Helena" e conhecer as escolas públicas e católicas onde davam português, língua de herança. Contudo também fui a Montreal, a Chatham, a Windsor, etc.. Nessa altura, nos anos 70 e fins dos anos 80, havia muitas escolas portuguesas aqui. E, fiquei muito contente de ver que o Canadá, isto no tempo do primeiro-ministro Pierre Trudeau, havia uma política de apoio às línguas absolutamente incrível! Os professores eram bem pagos, havia boas condições, havia muita ajuda de todo o género e eu pensei "este país é um exemplo para o mundo", porque eu já conhecia a Europa - já tinha ido à Suécia, Alemanha, à Inglaterra e não havia tanta compreensão. E quando vim, dessa vez, pensei que o Canadá poderia ser um país onde

eu pudesse vir fazer pesquisa, porque isto aqui podia ser um exemplo para a Europa e para outros países do mundo. Então fiquei interessada porque eu queria fazer mestrado e doutoramento e naquela altura em Portugal ainda não havia na minha área, não é? Então, dois anos depois, tive a oportunidade de voltar, porque tinha aqui uma pessoa de família e eu pensei "eu vou ao Canadá ver bem como aquilo funciona" (risos) e tive a sorte de chegar na primeira Semana Cultural da Casa do Alentejo. Eles tinham convidado os escritores Agustina Bessa-Luís e Manuel da Fonseca e achei isso muito interessante. Também quis conhecer a universidade... eu sou assim! (risos) Fui à universidade "bater à porta" do Departamento de Espanhol e Português e perguntei quem é que ensinava Português. Havia uma Leitora do Instituto Camões, Teresa, a filha do General Soares Carneiro. Então, fiz perguntas à Teresa Carneiro e quanto tempo mais é que ela ainda ia ficar. Ela respondeu mais um ano, que era quando o contrato dela acabava e eu disse-lhe que sendo assim, eu iria concorrer nessa altura para aquela posição. A moça nesse mesmo ano mandou-me um anúncio que tinha saído aqui, em Toronto, para um lugar de professora no departamento, não era de Leitora, era de professora da universidade, e disse "olha, como estavas interessada em vir para o Canadá, não queres concorrer a isto?". Fui ver o anúncio e aquilo era para "canadianos", não era para estrangeiros, contudo mandei o meu curriculum na mesma, porque não? Nesse verão, a Diretora Associada da universidade de Toronto foi a Portugal entrevistar-me.

RA: Foi de propósito a Portugal entrevistar a Manuela?!

MM: Foi! No Verão de 1983. Ela foi lá e entrevistou-me, disse-me que estavam à procura de uma pessoa com o meu perfil. Pronto, começámos a tratar dos papéis, mas a Imigração recusou, aquele emprego era para canadianos e não para estrangeiros e só se, durante um ano, não aparecesse nenhum canadiano é que eu poderia ter alguma chance, que apareceu apenas dois anos mais tarde. Entretanto, tinha aceite outro emprego ótimo em Londres, como Coordenadora do Ensino de Português, mas que acabei por detestar. Era no Consulado, e o Cônsul da altura, a única coisa que queria era abrir salas de aula para agradar aos imigrantes. Então mandou-me, uma vez, para Ascot - a terra das célebres corridas de cavalos - onde havia uns senhores que queriam abrir uma escola com 30 crianças: uma de quatro anos, três de cinco, sete de dez, etc.. Eu cheguei ao Consulado e disse ao senhor Cônsul "Desculpe, eu não posso mandar para lá um professor dar aulas a estas crianças, porque eu não sei dar aulas a crianças de 4,5,7, 10 e de 11 anos. O senhor sabe dar?"... ele olhou para mim e disse "Ah, mas os pais querem uma escola"... "Eles querem, mas não podem ter. Pedagogicamente, isto não faz qualquer sentido!", respondi. Então, comecei a ter alguns problemas de comunicação, porque o senhor que estava lá, não tinha a mínima noção do que era dar aulas e depois também vi que, como Coordenadora de Ensino, o que eu ia fazer para lá era trabalho administrativo, sabe? E eu gosto é de dar aulas. Fiz o meu trabalho durante três meses: fiz os horários dos professores e várias coisas, mas no fim do verão, voltei para Portugal e depois aguardei que a Imigração daqui me deixasse vir. Mas não foi fácil entrar aqui. A emigração deu-me um contrato temporário e ao fim de um ano fui avaliada. Durante 36 anos que ensinei na universidade, as pessoas na comunidade portuguesa em geral pensavam que eu era Leitora e que trabalhava para o governo português.

RA: Quando vem em 1985, vem sozinha ou com a família?

MM: Primeiro vim com a minha filha e o meu marido chegou mais tarde, quando foi possível.

RA: Que idade tinha a menina quando veio e adaptou-se bem?

MM: A minha filha tinha nessa altura sete anos. Ela já tinha estado comigo em Londres, portanto, já tinha aprendido um bocadinho de inglês, o que facilitou as coisas. Alias, aceitei aquele trabalho em Inglaterra a pensar nela.

RA: E como foi ser professora na Universidade de Toronto?

MM: Adorei. Tinha uma grande liberdade... quer dizer, é o que nos dá o ensino. É uma liberdade muito grande de criar os meus próprios cursos, ensinar a matéria que eu queria porque, claro, como por exemplo, no ensinar línguas temos que introduzir literatura e eu escolhia os escritores e os artistas que eu gostava. E nunca ninguém foi uma única vez ver se eu estava a dar uma aula bem ou mal. Quer dizer, tive durante 36 anos a liberdade de criar cursos de cultura, ensinar várias coisas que podia ensinar em Português ou Inglês e até a nível do horário, eu escolhia os dias em que ia dar aulas. Portanto, depois, não foi fácil deixar um trabalho assim e por isso é que em vez de me aposentar mais cedo, continuei...

RA: Como foi essa fase?

MM: Uma coisa com que me sempre me preocupei, foi fazer a ponte entre a academia e a comunidade. Sempre tive muito esta consciência de que estava num lugar muito privilegiado, então dei o passo e abri sempre as portas. Cada vez que eu tinha um escritor, um filme, uma peça de teatro ou um músico, a comunidade era convidada e fazia questão de abrir as portas, para que as pessoas pudessem verem que a universidade não é um lugar "estranho". É um lugar onde temos os filhos, graças a Deus, e onde muitos dos nossos jovens já têm o seu papel, etc.. Então, essa ponte que eu tentei fazer entre a comunidade e a universidade foi uma das minhas alegrias também. Ver que as pessoas iam aos congressos ou ver um filme, claro, não iam em multidões, mas iam. Tentei desmistificar o medo de não pertencer ao que havia à volta da universidade.

RA: Então, quando é que passou pela Universidade dos Açores?

MM: É assim. Eu fui aos Açores e estabeleci um protocolo com uma colega de lá com quem eu também me dou muito bem, que é a professora Rosa Simas. A Rosa fez o doutoramento em Berkeley e, tal como eu, valoriza muito o ensino das línguas nos programas de intercâmbio. Eu tive a oportunidade de a conhecer, através do Reitor da Universidade dos Açores, que achou que a Rosa e eu poderíamos trabalhar juntas. Depois fui muitas vezes aos Açores, convidada pela Direção Regional das Comunidades, porque eu também dava um curso dirigido à cultura e tudo o que era herança cultural açoriana. Ajudei a Rosa num congresso que ela fez sobre a mulher imigrante, em 2001. Depois, ela convidou-me para ser professora lá no verão para alunos que vinham dos Estados Unidos - depois, também, consegui levar alunos do Canadá - para lhes ensinar o Português como língua estrangeira. A partir daí estabelecemos várias parcerias.

RA: E onde é que fez o doutoramento em Portugal?

MM: Quando me doutorei aqui, eu gostava de ter uma equivalência em Portugal, não é? Então, como tinha uma boa relação com a Universidade dos Açores, candidatei o meu doutoramento e eles aceitaram. Portanto, sou doutorada pela Universidade de Toronto e a dos Açores, também por causa desse trabalho que fiz durante vários anos e em que os colegas têm que avaliar o nosso trabalho, não só prático, mas também intelectual.



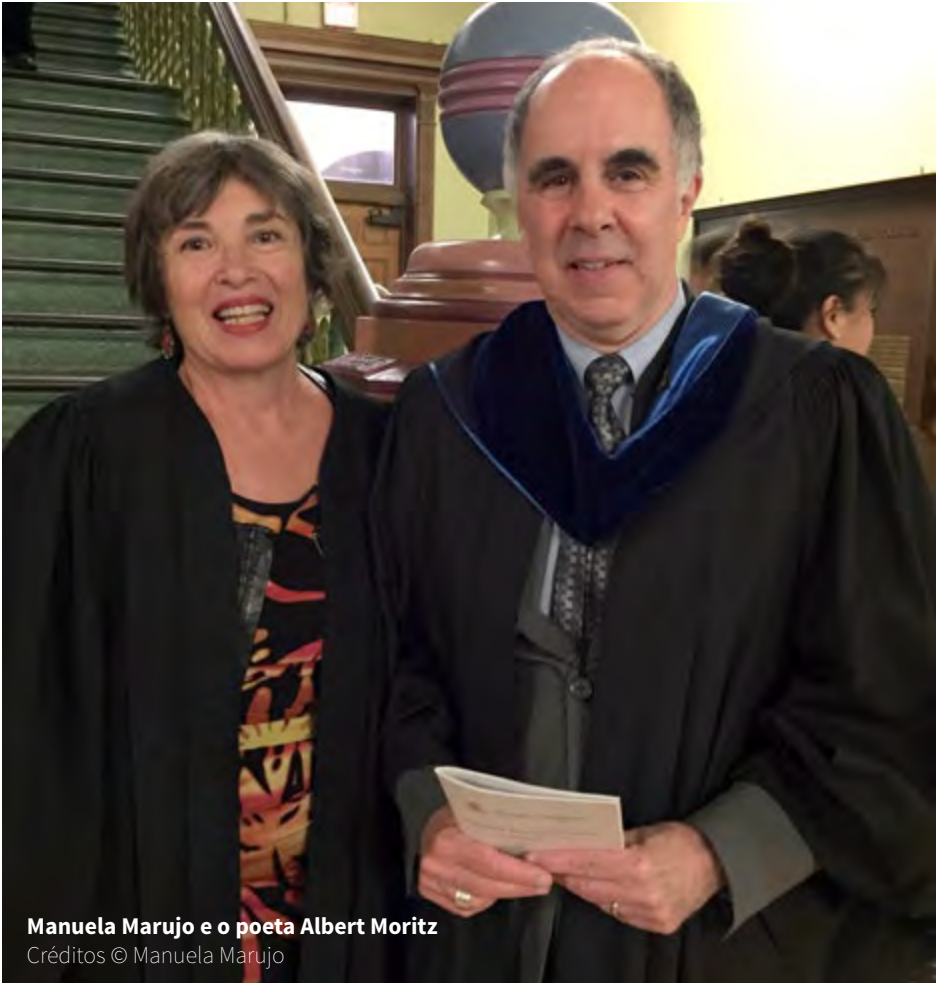
Universidade Toronto
Créditos © Manuela Marujo



Universidade Toronto
Créditos © Manuela Marujo



Marya Duckworthe Manuela Marujo
Créditos © Manuela Marujo



Manuela Marujo e o poeta Albert Moritz
Créditos © Manuela Marujo

RA: Entretanto, de repente, também descobriu a escrita...

MM: Não foi de repente. Quando nós professores, por exemplo, fazemos um congresso há uma expectativa de que os trabalhos que entraram nos congressos sejam publicados, então esses são os meus primeiros trabalhos escritos, não é? O meu primeiro livro, que é bilingue, para crianças 'A Primeira Vez Que Vi Neve' surgiu para preencher um vazio... quando ia às escolas uma das coisas que as professoras aqui, da Inglaterra e da Alemanha mais necessitavam, era de livros que estimulassem as crianças a ler.

RA: Foi fácil publicá-lo?

MM: Publicar é geralmente sempre difícil. Aqui fiz uma candidatura ao Ministério da Educação, mas não consegui. Depois o livro acabou por ser publicado em Portugal e fui fazer muitas leituras aqui nas escolas e foi engraçado que algumas das professoras tinham sido minhas alunas. E os outros livros que se seguiram, foi a continuação de atividades que a pessoa faz. Por exemplo, fiz um congresso sobre os avós e as pessoas esperavam que saísse um livro; depois fiz um congresso para as mulheres, as pessoas esperam que saísse um livro. Agora é mais o e-book e têm que ir para a internet, mas há uns anos se não estivesse escrito, parece que nem tinha existido, compreende? Dentro deste meio académico também há muitas pessoas que precisam de ter os trabalhos publicados, não é? Portanto, era também mais para ir ao encontro das colegas que tinham vindo aos congressos, aqueles que eu tenho organizado sobre as mulheres emigrantes e sobre os avós. Contudo, quando eu participo em congressos, tenho a mesma expectativa. Portanto, nós ou escrevemos um livro ou compilamos um livro, uma antologia de textos das outras pessoas. Isso é natural no meio académico.

RA: Antes de falarmos do seu livro mais recente. Como surge a oportunidade de colaborar com o jornal Milénio Stadium?

MM: Foi só depois de me reformar que me disponibilizei, pois durante todos os anos que estive na universidade, tive muitos convites para escrever para os jornais. Mas é assim, eu não queria preencher um lugar onde havia pessoas mais indicadas para o fazer. Eu tirei um cursinho de jornalismo, mas quer dizer, foi mais uma gracinha (risos) e não achava que podia corresponder a todos. Então, para evitar conflitos não escrevia para nenhum, apenas mandava as notícias sobre as coisas que tinham acontecido na universidade já todas preparadinhas. Mas depois de me aposentar, o Manuel Da Costa convidou-me a escrever para o Milénio e pensei que era uma boa ideia partilhar com as pessoas as minhas impressões de viagens duma forma leve. E foi isso. Dar oportunidade aos leitores de conhecerem lugares que eu gostei muito, lugares onde talvez um dia possam ir e apreciar. Quando cheguei à 100^a crónica comecei a sentir-me mal de falar de viagens, quando as pessoas estavam todas fechadas em casa, porque ninguém podia sair por causa da pandemia.

RA: Mas volta a escrever as crónicas, só que para a Revista Amar...

MM: ... sim, mas porque o Carlos Monteiro me pediu autorização para usar algumas crónicas antigas do Milénio na revista, porque algumas são de facto intemporais. Mas, eu não concordei e preferi escrever coisas novas. Como era e é uma vez por mês e também é um meio diferente, posso ter sempre uma coisa nova, não é? Para mim é muito simples refletir sobre um passeio ou um lugar que conheci e dar a conhecer às outras pessoas. Também tenho tido muitos incentivos de amigos que leram as crónicas que disseram "eu já passei ali e não vi isso!" ou "no Algarve também há barrocal?" e outras coisas assim... comentários de pessoas que até viajam, mas que às vezes não reparam em certos pormenores.

RA: Quando ouviu falar pela primeira vez do projeto Magellan, a Casa de Magalhães, o que é que pensou sobre isso? E que benefícios acha que vai trazer para a comunidade e não só?

MM: Antes de falar da Magellan, tenho que dizer que já tinha tido contacto direto com um grupo de amigas, a Ilda Januário, a Teresa Roque, a Irene Pereira, e a Maria Matias que trabalharam durante vários anos para conseguir juntar-se aos ativistas chineses que abriram um Lar em Mississauga e a ideia era ter uma parte chinesa e a outra parte seria portuguesa. O grupo reuniu-se durante três ou quatro anos. Eu não fazia parte, mas sei que fizeram muito trabalho, porém, infelizmente, não tiveram qualquer sucesso. Então, quando eu ouvi falar sobre este projeto, pensei "bem, é um grupo bastante diferente no aspeto de visibilidade, não é? O Manuel DaCosta, o Charles Sousa, a Ana Bailão entre outras pessoas. Pode ser que agora isto se consiga, porque o outro grupo, infelizmente, encontrou muitos obstáculos"... principalmente a nível financeiro. (...) Então quando ouvi falar da Magellan pensei "pode ser que seja agora!", pois como deve saber, não é a primeira vez que se tenta fazer, mas vi este projeto com mais esperança e otimismo, dado o tipo de perfil das pessoas que estavam envolvidas.

RA: E que benefícios acha que vai trazer para a comunidade?

MM: O meu primeiro trabalho voluntário em 1987 - onde também fiz parte da direção - foi na Santa Casa de São Cristóvão... hoje chama-se West Neighbourhood House. Conheci muitos idosos e apercebi-me da solidão, já naquela altura... E lembro-me que me apercebi que quando a pessoa chega a certa idade, de facto há uma tristeza de não se poder expressar na sua língua. Durante anos fui a vários lares e quando sabiam que eu falava português, tipo agarravam-me pela roupa e não me deixavam sair, eu tive momentos de uma comoção incrível, porque as pessoas que via eram japoneses, italianos, portugueses, etc. e cada uma a falar na sua língua. Ou seja, falavam, mas não comunicavam! (...) Vi esta realidade desde os meus primeiros anos aqui e como sempre me interessei por idosos, até porque deixei a minha mãe em Portugal... sei da necessidade incrível que há de as pessoas sentirem uma familiaridade e não só com a língua, mas com tantas outras coisas que depois nós fazemos da nossa maneira "portuguesa". Então, eu sei muito bem dos problemas de isolamento das pessoas. Acho que é mesmo necessário encontrar uma solução. Claro que as soluções são muito difíceis de encontrar, porque sabemos que vivemos num país multicultural. Há muitas razões para as pessoas se juntarem, mas os números que nós, portugueses, representamos e os anos que já cá estamos, não vejo como não seja possível transformar este projeto numa realidade. A minha geração está cada vez mais próxima dessa idade em que gostamos de ser compreendidos e necessitamos de ser compreendidos, não é? E 70 anos depois, muitos dos pioneiros já foram, mas aqueles que vieram nos anos 60, que são muitos, que vieram nos anos 70, que são muitos, nem todos vão para Portugal passar o resto dos seus dias, embora seja o sonho. Porém, a realidade é esta... as pessoas estão aqui, é aqui que vão passar os últimos anos da sua vida! E têm todo o direito e, acho que, as gerações mais novas têm que se aperceber disso, que têm que ajudar essas pessoas ao menos a terem esse benefício - saber que são compreendidos e compreender os outros. E eu vejo isso como uma coisa tão natural que nem sei porque é que as pessoas às vezes questionam. Não compreendo a questão.

RA: E se calhar foi por isso que a Manuela juntou o útil ao agradável. Escrever um livro, 'Canadá - Olhares e Percursos de uma Portuguesa Curiosa' e doar a receita à Magellan. Ou seja, quem quiser ficar com o livro faz um donativo, certo? Como é que surgiu a ideia?

MM: Há, mais ou menos, um ano, quando vi que havia o comité de angariação de fundos para a Magallen, fiz o meu donativo, como qualquer pessoa tem a obrigação de fazer. Mas, pensei que gostava de fazer um pouquinho mais, dentro daquilo que eu sei fazer. Então, perguntei ao Manuel DaCosta, porque está envolvido com o projeto, o que ele achava de transformar as minhas crónicas sobre o Canadá numa publicação, até porque acho que é muito triste também nós passarmos aqui a nossa vida e não conhecermos nem a cidade, nem a província, nem o país. Acho triste, tristíssimo e acho que perdemos oportunidades fantásticas, não é? E sugeri fazer uma seleção das crónicas com muitas fotografias, neste caso, todas sobre o Canadá, para dar a conhecer às pessoas que ainda aqui estão e que gostam de ler. Se não sabem ler muito bem, podem olhar as imagens. E o Manuel, claro, generosamente disse que sim e que não se importava de disponibilizar o pessoal dele para me ajudar. E há muito, muito trabalho implícito nisto. Preparei tudo e entreguei à MDC Media Group para transformarem numa publicação. O Manuel é muito generoso, é claro que ele sabe que não é muita coisa, mas é mais uma coisinha que se pode fazer para angariar fundos, e sem a ajuda dele não teria sido possível. Eu fiz o meu trabalho, a Stella Jürgen adicionou uma parte muito interessante de arte porque não é apenas um livro de textos e fotografias, é também um livro de ilustrações criativas e a Fabiana Azevedo ficou muito entusiasmada e também foi muito generosa com o seu tempo, fez toda a parte gráfica. Também gostei muito desta parte, ou seja, vê-las tão interessadas no livro e fazerem de tudo com tanto gosto e com tanta rapidez, não é? Portanto, acabou por ser um prazer e acho que o resultado está muito bonito. Eu acompanhei o processo um pouco à distância pois entretanto viajei. Estava ansiosa para ver o livro, ficou muito lindo e agora só espero que as pessoas também achem uma ideia positiva, não é? Quer dizer, eu não ganho nada com isso, a não ser a satisfação de ver o livro divulgado. E talvez as pessoas digam "Olhe, gostei muito de ir àquele lugar através da leitura."

RA: Para finalizar, que mensagem é que gostaria de deixar à nossa comunidade?

MM: Olhe, eu acho que a vida não tem graça nenhuma se a pessoa não tiver todos os dias uma coisa nova para pensar, para procurar, para reconhecer. Eu penso que o livro 'Canadá - Olhares e Percursos de uma Portuguesa Curiosa' pode dar essa oportunidade à pessoa que o tiver na mão e se quiser, hoje, ver uma coisa nova de Toronto, pode não ir lá, mas se já tiver conhecimento que existe, já aprendeu qualquer coisa. Talvez na próxima vez que passe naquela rua veja com "outros olhos". Portanto, para mim a vida é uma aprendizagem constante e sinto-me feliz com isso. Acho que a felicidade vem de aprender coisas novas e penso que para cada pessoa, não há idade limite para se aprender. Podemos aprender todos os dias qualquer coisa diferente. Chamo a isso viver bem, ser feliz.



celebração do 4.º ano de "A Voz dos Avós"
Créditos © Manuela Marujo



Portuguese Canadian Walk of Fame
Créditos © Manuela Marujo

HELP US BUILD ONTARIO

The Carpenters' Union
JOIN TODAY

organizing@thecarpentersunion.ca

**We Offer Among the
Best Benefits, Pension &
Wages in the Industry**

**Plus a \$450 Bonus for full
COVID-19 Vaccination
(Local 27 Toronto)**



Carpenters' District Council of Ontario

www.thecarpentersunion.ca | 905.652.4140

COMERCIAL • INDUSTRIAL • RESIDENCIAL



Feliz Ano Novo são os votos da AJF Forming
a toda a comunidade, clientes, familiares e amigos

TUDO COMEÇA AQUI!



JOHN SILVA
416.891.5781

TONY SILVA
416.936.3961



Escritório: (416) 537-7431 • Fax: (416) 537-0111



Email: ajfforming53@gmail.com



Créditos: Direitos Reservados



Heróis nacionais improváveis

Travessias por mar, por terra e por ar...

Em tempos de putativos heróis nacionais, que significado têm os feitos dos portugueses com menos divulgação mediática?

Sem alinhar em nenhuma polémica estéril, como a que ocorreu durante o mundial do Qatar, em que o dissecar de estatísticas sobre os feitos individuais dos mais diversos protagonistas do desporto rei, geraram um debate apaixonante e inócuo, que lugar tem nesta discussão, o feito de Joaquim Batista Pereira, o primeiro português a atravessar o Canal da Mancha a nado, em águas abertas.



Joaquim Batista Pereira
Créditos: Direitos Reservados

Esse feito do nadador português, alhandrense, ocorreu no dia 21 de agosto de 1954, aquando da clássica prova da qual, para espanto de todos, saiu vencedor. Foi um dos maiores feitos desportivos portugueses até essa data.



Joaquim Batista Pereira
Créditos: Direitos Reservados

A população de Alhandra recebeu-o em festa. Em sinal de gratidão para com o seu conterrâneo, construíram-lhe e ofereceram-lhe uma casa onde ele habitou com a sua família. Este ponto alto é o culminar de um vasto palmarés deste nadador de excelência.

Joaquim Baptista Pereira revolucionou a natação competitiva em Portugal, na piscina e no rio, não dando hipóteses aos adversários, tendo batido os recordes nacionais dos 200, 400, 500, 800, 1000 e 1500 metros livres.

Deixada a natação de piscina, a força e a paixão do grande atleta levaram-no às maiores façanhas no mar e no rio, que culminaram na vitória da travessia do Canal da Mancha. Bateu também os recordes da Travessia do Estreito de Gibraltar, em 25 de outubro de 1953 e em 22 de setembro de 1956 e o recorde da Europa, de distância e permanência na água. Pela primeira vez na história do desporto português, um atleta foi notícia em jornais e revistas a nível internacional. A sua vida dura, imortalizou-a Soeiro Pereira Gomes, no romance Esteiros, ao criar a personagem "Ginete", que contava a história das crianças obrigadas a trabalhar nos telhais da vila à beira do Tejo.

Em 11 de junho de 1967, nascia em Lisboa, João Garcia, o conceituado alpinista levou literalmente a bandeira portuguesa aos mais altos cumes do planeta. O próprio afirma que *"Após muitos anos de alpinismo e exploração, apercebo-me de que faço parte de um grupo de Homens que vivem os seus sonhos de forma intensa, pois só assim nos sentimos vivos..."*



Uma verdadeira lição de coragem, determinação e arrojo no alcançar do inalcançável, para este alpinista de elite. A 17 de abril de 2010, João Garcia tornou-se o décimo alpinista da história a escalar todas as 14 montanhas com mais de 8000 metros, sem o auxílio de oxigénio artificial nem carregadores de altitude.

O seu projeto *"À conquista dos Picos do Mundo"* (que foi patrocinado pelo Millennium BCP desde 2006), foi concluído 17 anos após o seu início, em 1993. João Garcia abalançou-se a outros projetos, escalar os cumes mais altos nos seis continentes. Esse projeto foi denominado de *"Sete Cumes"*, onde a Antártida entra na lista e a América encontra-se dividida em América do Norte e América do Sul. Alcançou em 1999, o Monte Everest, 8849 metros, Nepal na Ásia e derradeiro cume, o Monte Kosciuszko, 2228 metros, Austrália, Oceânia alcançado no ano 2010.

Num passeio à beira rio, em Belém, podemos cruzar-nos com uma réplica do hidroavião de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, monumento comemorativo da travessia do atlântico sul, em março de 1922, uma proeza da aeronáutica portuguesa ímpar.

Na *"Mensagem de Lisboa"*, Ferreira Fernandes na sua rubrica, *"Um ponto é tudo"* questiona:

"Como foi possível, no dia 30 de março de 1922, às 7 da manhã, ao lado da Torre de Belém, não ter havido povo nem festa, nem uma semente de gratidão e orgulho por esta Travessia?"



Os primeiros preparativos para a Travessia Aérea do Atlântico Sul, sem rede tiveram lugar no ano de 1919, por ocasião da visita do Presidente do Brasil a Portugal, Epitácio Pessoa. Sacadura Cabral sugeriu a ideia de comemorar o primeiro centenário da independência do Brasil, em 1922, realizando uma viagem aérea entre Lisboa e o Rio de Janeiro.



Com efeito, para que esta façanha aérea pudesse ser concretizada, seria necessário criar-se um método de navegação que permitisse pilotar a aeronave com precisão sobre a imensidão do oceano Atlântico. Voltámos aos instrumentos de navegação astronómica, agora os novos navegadores não sulcavam os mares, sobrevoavam a baixa altitude o imenso oceano. Um instrumento precioso para o sucesso dessa travessia inédita foi o sextante. Gago Coutinho adaptou ao sextante um horizonte artificial e desenvolveu em colaboração com Sacadura Cabral, o corretor de rumos, que permitia calcular graficamente o ângulo entre o eixo longitudinal da aeronave e a rota a seguir, considerando a intensidade e direção do vento, a deriva. Este método de navegação foi testado numa viagem entre Lisboa e a ilha da Madeira em 1921, tendo demonstrado a precisão destes inovadores instrumentos.

A 30 de março de 1922, às 7 horas da manhã, deu-se início à primeira travessia aérea do Atlântico Sul, tendo como protagonistas o Almirante Gago Coutinho e o Comandante Sacadura Cabral, a bordo do hidroavião Fairey F IIID MkII, batizado "Lusitânia" rumo ao Rio de Janeiro. Era só um hidroavião, mas era mais do que ele, tinha por roteiro um destino: por ares nunca antes navegados.



Créditos © Carlos Cruchinho



Créditos © Carlos Cruchinho

A viagem foi bastante atribulada; foram utilizadas três aeronaves (a Lusitânia, a Portugal e a Santa Cruz). Após percorridos as 4527 milhas em 62 horas e 26 minutos, os heroicos oficiais foram recebidos em festa pela população do Rio de Janeiro, a 17 de junho de 1922. Estes dois portugueses destemidos tinham concluído a primeira travessia aérea do Atlântico Sul com êxito.

Uma homenagem justa a portugueses de excelência, por vezes esquecidos pela memória coletiva de um povo. Como escreveu Henrique Lopes de Mendonça:

*Heróis do mar, nobre povo
Nação valente e imortal
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memória (...)
Sobre a terra, sobre o mar (...)*

Bibliografia consultada:

- *Distinção Baptista Pereira (cm-vfxira.pt)*
- *Baptista Pereira – Uma vida de luta e dignidade | Partido Comunista Português (pcp.pt)*
- *Joao Garcia • Alpinista*
- *Comissão Cultural de Marinha*

Carlos Cruchinho

Licenciado no ensino
da História e Ciências Sociais



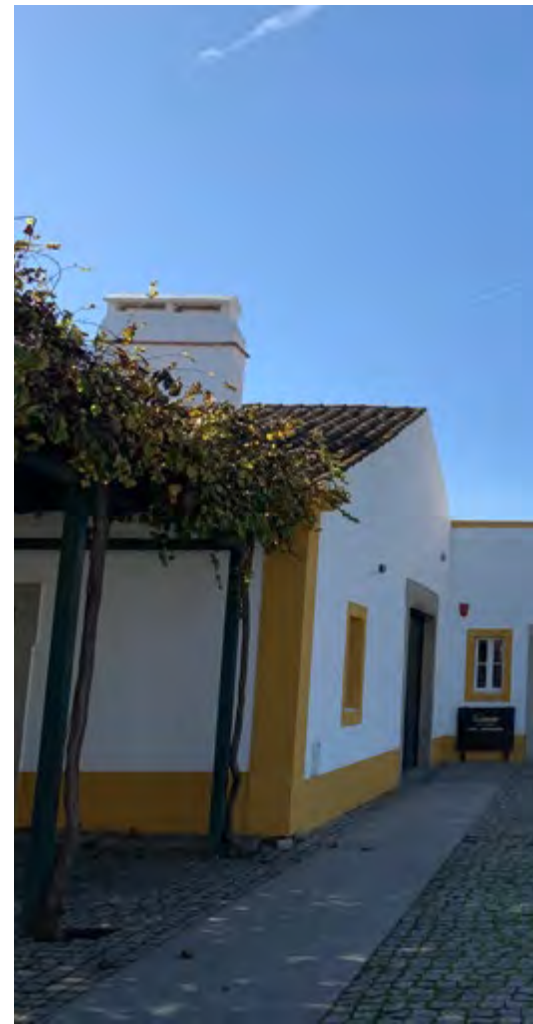


VAGAR no Alentejo





Entrada na Adega da Cartuxa
Créditos © Manuela Marujo



Utensílios em exposição utilizados outrora na produção vinícola
Créditos © Manuela Marujo



Vista geral da Adega da Cartuxa
Créditos © Mariana Marujo



Caves na Adega da Cartuxa
Créditos © Paulo Spranger

Alegrou-me a notícia recente de que Évora foi a cidade selecionada, entre muitas outras candidaturas, para ser a Capital Europeia da Cultura em 2027. Ainda me causou mais alegria o tema escolhido – VAGAR – esse modo cultural de ser e de estar na vida que integra a identidade dos alentejanos.

Foi numa “visita de estudo”, enquanto estudante do Liceu de Beja, que conheci Évora, a cidade-museu, como me foi ensinado na escola. Recordo vivamente terem-nos levado a ver o Templo de Diana, a Sé e a Capela dos Ossos, e a impressão que tudo me causou. A viagem durou menos de um dia, mas bastou para compreender o porquê do epíteto dado à cidade. Havia aquedutos, palácios, conventos, fontes e muitos outros monumentos - impossível englobar tudo numa visita.

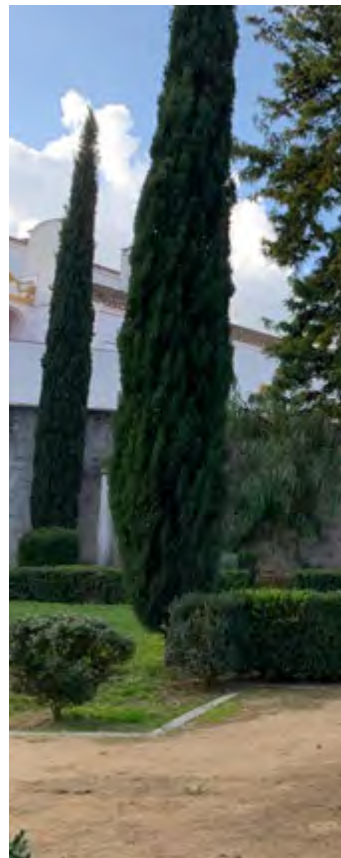
Tenho retornado a esta cidade do Alto Alentejo dezenas de vezes. Continuo a descobrir espaços novos e, ao regressar a lugares antes percorridos; estes continuam a proporcionar-me o mesmo prazer.

Em novembro passado, num passeio organizado e inserido no programa de um congresso, fiz a minha última visita. Começámos por uma paragem na Adega da Cartuxa, na Quinta de Valbom, propriedade da Fundação Eugénio de Almeida, a poucos quilómetros do centro da cidade.

Com cerca de 600 hectares de vinha, nos campos a perder de vista, foi-nos explicado também a importância para a região dos quase 300 hectares de oliveiras cultivadas que produzem azeite de alta qualidade. Após percorrer os espaços corredores, onde se encontram os potes de barro e escutar a descrição da tecnologia avançada que permite a produção das variedades de azeitonas de Cartuxa, fortemente apreciadas, houve tempo para uma agradável degustação de vinhos e prova de azeites.



Sala de jantar do Palácio
Créditos © Manuela Marujo



Cozinha do Palácio
Créditos © Manuela Marujo



Vista das Janelas
Créditos © Manuela Marujo



Vista para o Pátio
Créditos © Paulo Spranger



Jardim interior
Créditos © Paulo Spranger

O Pátio de São Miguel foi a segunda paragem. Localizado na zona mais elevada da cidade, com a planície no vasto horizonte, foi ocupado por mouros e cristãos, ao longo dos séculos, dada a sua posição estratégica. Esse conjunto arquitetónico compreende o Paço de São Miguel, Palácio-sede da Fundação Eugénio de Almeida, o Arquivo, a Biblioteca, a Coleção de Carruagens e a Ermida de São Miguel.

Foi uma bela oportunidade de entrar no Paço e me deslumbrar com a história deste lugar icónico que foi primeiro alçácer mourisco e, depois, castelo e pousada de todos os reis de Portugal, até ao fim do século XV. Presentemente, a história da família Eugénio de Almeida é-nos contada naquele espaço, através de fotografias, pinturas, mobiliário, objetos de arte, tapeçarias e muito mais.

Vasco Maria Eugénio de Almeida, o primeiro grande mecenas e filantropo do século XX em Portugal, foi o criador, em 1963, da Fundação com o nome da família "in memoriam" dos seus pais e avós e em sua homenagem. Tem a missão de promover o desenvolvimento cultural, educativo, social e espiritual da região de Évora.

A Fundação foi, juntamente com outras entidades da região, uma das promotoras da candidatura da cidade a capital da cultura europeia. Assim, em 2027, Évora terá uma oportunidade ímpar de mostrar a todo o país, aos Estados Membros Europeus e à comunidade internacional, o património que torna única esta cidade histórica.

O tema selecionado "vagar", aqui entendido como "a consciência plena de que nós, enquanto humanos, estamos sempre em relação com tudo o que nos rodeia", cria uma expectativa especial. Através das múltiplas iniciativas, irá proporcionar-se aos visitantes a oportunidade de gozar e partilhar o simples da vida em coexistência com o mundo, sem correrias; parar, ver e usufruir são o melhor caminho para a felicidade.

Vamos planear, com vagar, uma visita em 2027!

Manuela Marujo

Professora Emérita da Universidade de Toronto



Língua Portuguesa

João Pinto Coelho

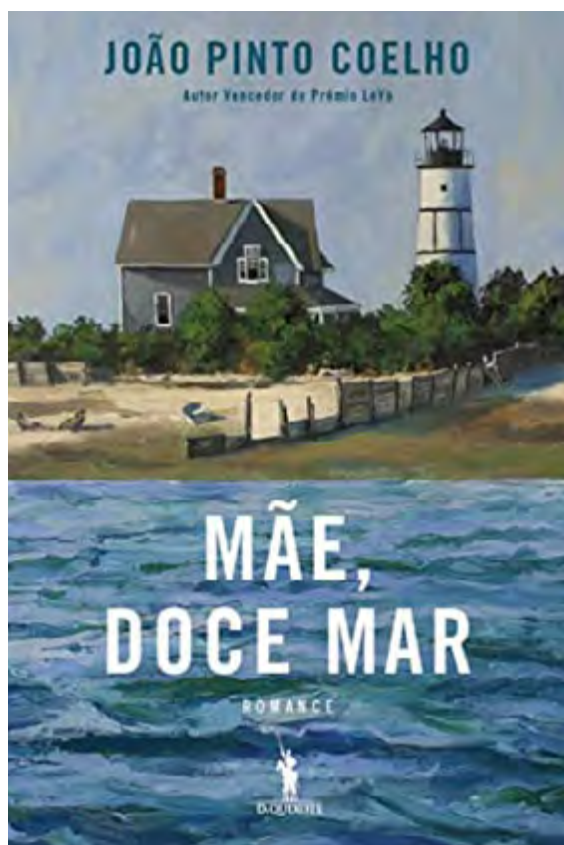


Fontes: Wikipédia, FNAC, Wook
Fotografia: DR

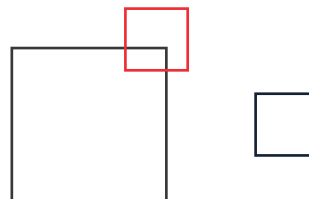
João Pinto Coelho nasceu em Londres em 1967. Licenciou-se em Arquitetura em 1992 e viveu a maior parte da sua vida em Lisboa. Passou diversas temporadas nos Estados Unidos, onde chegou a trabalhar num teatro profissional perto de Nova Iorque e dos cenários que evoca neste romance. Em 2009 e 2011 integrou duas ações do Conselho da Europa que tiveram lugar em Auschwitz, na Polónia, trabalhando de perto com diversos investigadores sobre o Holocausto. No mesmo período, concebeu e implementou o projeto Auschwitz in 1st Person/A Letter to Meir Berkovich, que juntou jovens portugueses e polacos e

que o levou uma vez mais à Polónia, às ruas de Auschwitz e aos campos de concentração e extermínio. A esse propósito tem realizado diversas intervenções públicas, uma das quais, como orador, na conferência internacional Portugal e o Holocausto, que teve lugar na Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2012 publica "Perguntem a Sarah Gross", o seu primeiro romance. O seu romance seguinte "Os Loucos da Rua Mazur" foi o vencedor do prémio LeYa 2017, finalista do Prémio Literário Fernando Namora e semifinalista do Prémio Oceanos.

Obra Literária



“MÃE, DOCE MAR”



Sinopse

Depois de passar a infância num orfanato, Noah conhece finalmente Patience, a mãe, aos doze anos. Mas, apesar de ela fazer tudo para o compensar, nunca se refere ao motivo do abandono; e, por isso, seja na casa de praia de Cape Cod, onde passam temporadas, seja no teatro do Connecticut onde acabam a trabalhar juntos, há um caminho de brasas que teima em separá-los mas que nenhum ousa atravessar.

Quando Noah encontra Frank O’Leary - um jesuíta excêntrico que guia um Rolls-Royce às cores -, descobre nele o amparo que procu-

rava. Mesmo assim, há coisas que o padre prefere guardar para si: os anos de estudante; o bar irlandês de Boston onde ele e os amigos se enchavam de cerveja e recitavam poemas; e ainda Catherine, a jovem ambiciosa que não temeu desviá-lo da sua vocação.

É, curiosamente, a terrível experiência de solidão num colégio religioso o primeiro segredo que Patience partilhará com Noah; contudo, quando essa confissão se encaixar no relato do padre Frank, ficará no ar o cheiro da tragédia e a revelação que se lhe segue só pode ser mentira.

PORTUGUESES RESIDENTES NO CANADÁ

Ano novo, a Caixa de sempre.

Os anos passam, mas estamos cada vez mais próximos de si, esteja onde estiver. Por isso, celebramos a entrada no novo ano como sempre: ao seu lado. Desejamos-lhe um feliz e próspero 2023.

Visite-nos em:

ESCRITÓRIO DE REPRESENTAÇÃO DO CANADÁ
425 University Avenue, suite 100 | Toronto, ON, M5G 1T6
(junto do Consulado de Portugal)

(001) 416 260 2839 | toronto@cgd.pt

Horário de Atendimento:

2.^{as}, 3.^{as}, 5.^{as} e 6.^{as} feiras • 9h - 14h

4.^{as} feiras • 9h - 13h | 14h - 18h

Atendimento presencial sujeito a marcação.

Saiba mais em cgd.pt

Caixa. Para todos e para cada um.



Caixa Geral de Depósitos

Escritório de Representação do Canadá

A Caixa Geral de Depósitos, S.A. é autorizada pelo Banco de Portugal.

Rui Duarte

Ver baleias pelo Mundo como modo de vida



Localização: Húsavík, Islândia
Profissão: Guia turístico e fotógrafo
Idade: 28 anos



Créditos: Direitos Reservados

Rui Duarte começou na observação de golfinhos, mas “faltava-lhe algo”. Quando viu os cetáceos da Islândia ficou apaixonado por eles, pelo local e pela profissão. Agora, só quer correr mares e oceanos.

Apesar de atualmente chamar casa a Húsavík, na Islândia, é a partir do México que Rui Duarte fala com a “Notícias Magazine”. Decidiu mudar de ares durante a temporada de inverno e, até abril, estará no Cabo São Lucas, na Cidade do México. É a primeira vez que trabalha no Oceano Pacífico. Antes passou por Tenerife (Espanha) e pela Noruega.

Ainda que o emprego atual (guia de observação de baleias) seja relativamente recente, Rui Duarte, natural de Barcelos, coloca o início da aventura no curso superior: Biologia e Geologia. A partir daí, a aventura foi-se adensando. Dois anos depois, conseguiu um trabalho como observador da pesca de atum nos Açores, no qual tinha como função fiscalizar. Adorou a experiência a bordo, mas não foram os pequenos peixes que o cativaram. Foram os golfinhos e as baleias.

Decidido a fazer da observação desses animais a sua vida, no ano seguinte esteve como guia em Sagres, mas só de golfinhos. A oportunidade dos imponentes animais com que hoje trabalha surgiu em 2020, na Islândia, e, desde aí, nunca mais largou a função. Em Húsavík, a temporada de observação de baleias ocorre no verão, de abril a novembro. Nos restantes meses vai viajando pelo Globo, sempre com a mesma função.

O guia e fotógrafo de 28 anos não gosta de reduzir o seu trabalho ao turismo. Faz muito mais do que isso. “O meu objetivo a bordo é sempre alertar as pessoas para a importância da conservação, não só destas espécies, mas do Planeta.” Outra forma que Rui arranjou para esse lado didático foi a fotografia. Já registou baleias um pouco por todo o lado e é disso que espera fazer vida. “Talvez um dia consiga viver apenas do dinheiro que estas imagens impressionantes dão, mas o mérito é todo das baleias.”

Zulay Costa

NM



Customer Service | Accountability | Innovation

TORONTO
MISSISSAUGA
NORTH YORK
LONDON
HALIFAX
ST. JOHN'S

CUSTOMER SERVICE
ACCOUNTABILITY
INNOVATION

Benefit Plan Administrators Limited is a financial services company dedicated to providing leading edge professional administrative, custodial, consulting and Trust Management services needed by our clients today and into the future.



BAIRRADA

CHURRASQUEIRA

GRILLHOUSE - SINCE 1989

Traditional Portuguese Cuisine

www.bairrada.ca | info@bairrada.ca



FAÇA A SUA ENCOMENDA
PARA O **VALENTINE'S DAY!**
CONTINUAMOS COM
SERVIÇO DE TAKE-OUT



1000 College St.
(416) 539-8239

1560 Dundas St. W
(647) 346-1560

2293 St. Clair Ave W.
416) 762-4279

Saara, decerto!







Arco do Triunfo de Caracala, Visibilia
Créditos: Armando Neto

Antes de colocar os olhos sobre a imensidão do mais famoso deserto do planeta, é preciso percorrer ruas e longas estradas (os mais de dois mil quilómetros), caminhar lentamente pela mesquita com os pés descalços e a mente desnuda para abraçar tão grandiosa cultura que atravessou os séculos e até aos dias de hoje conta, em detalhes geométricos e históricos, quase todos os segredos islâmicos, quase todas as aspirações de um passado que ergueu prédios e mãos em direção aos céus de Alá, à religião que reuniu incontáveis pessoas ao seu redor e buscou conquistar, para além das terras e horizontes, o conhecimento que por vezes foi pago em ouro equivalente ao peso do livro encomendado. É uma viagem tanto para fora quanto para dentro, levando-nos a ponderar e a repensar além do que supomos acerca do mundo (dos mundos!) no qual vivemos.

"Senhoras e senhores passageiros, iniciamos o nosso procedimento de descida para Casablanca", informava o comandante daquele voo que saíra de Lisboa, deixando para trás um velho conhecido da nação marroquina: Portugal, permitindo entrever as relações passadas no inquietante imaginário. Até Camões lá esteve muitíssimo próximo, em Ceuta (cidade autónoma da Espanha), ainda que sob uma atmosfera militar em prol de mares sempre dantes navegados e essenciais às explorações e aos comércios; ali, o Estreito de Gibraltar ou as Colunas de Hércules descritas por Platão em suas deleitosas histórias sobre uma Atlântida tão antiga quanto escondida...

Casablanca, a cidade mais populosa do país guarda em seu coração a mesquita de Hassan II, uma obra de arte que acolhe até 25 mil pessoas: a segunda maior do mundo. O imponente pé direito e as entradas de luz natural ajudam a promover a sua finalidade subjetiva e espiritual. E o que dizer das fontes de água para a purificação dos fiéis? São como esculturas que depuram e ao mesmo tempo adornam, fazendo par aos coloridos desenhos geométricos existentes por todos os lados. Oração e êxtase dão-se as mãos.

E em uma breve passagem pelo Rick's Café, a mente se deixa levar pela lembrança da música (As Time Goes By) de seu clássico filme Casablanca: 'you must remember this, a kiss is just a kiss...', mesmo que as lentes das câmeras nunca tenham gravado nada por lá, pois o cenário foi noutra lugar. Não tem importância: você precisa lembrar-se que um truque é apenas um truque. O que vale é o seu efeito, a mágica da imaginação.

Pois bem, de malas arrumadas e espaço para muita bagagem cultural, prosseguimos. Paisagens ganham a atenção do grupo turístico formado por canadianos, brasileiros, portugueses e outras nacionalidades, compondo um mosaico rico e interessante. Mas qual não foi a surpresa quando voltámos no tempo ao pasmar diante de Volubilis, a cidade do Império Romano cuja dimensão (chegou a ter 20 mil habitantes no final do século II) não nos permitia vê-la na totalidade, tampouco se podia afirmar que algumas construções não se mostravam recentes pela indizível conservação (em meio às ruínas, é claro), com danos causados, pasme, pelo terremoto lisboeta de 1755. E se quiser se surpreender com ainda mais curiosidade, há relatos de 1756 sobre ondas que avançaram com fúria e lonjura a algumas regiões nordestes brasileiras. Volubilis! Ficou como um pano de fundo à mente que se impressionou demasiado pelos sentimentos e pela majestade do cenário cinematográfico ali erguido em pedras.



Mesquita de Hassan II, Casablanca
Créditos: Armando Neto

E por falar em antiguidade, foi mesmo um paraíso de descobertas quando ficámos frente a frente à universidade mais antiga do mundo, ainda em atividade (fundada pela rica muçulmana Fátima Al-Fihri, no ano 859), Al Quaraouiyine, em Fez, assim reconhecido pela Unesco e pelo Guinness Book. Para quem gosta da história e da educação, é um privilégio e uma honra estar ali.

Igualmente linda é a capital, Rabat, com prédios modernos e layouts futuristas, como o grande teatro, por exemplo. E é em meio à tal ousadia urbana que vive o rei de Marrocos, Mohammed VI, no palácio Dâr-al-Makhzen, rodeado por laranjeiras e fontes de água. Há muito por ver, muito por assimilar, feito uma escola intensiva de uns tantos dias repletos de panoramas, histórias e outras explicações atuais. Economia e trabalho dos marroquinos, sua luta diária e seu poder de superação às dificuldades (como em outros lugares do globo também) nas terras cujo sol se mostra diferente, basta ficar admirando-o no horizonte de céus com poucas nuvens e muita seca por vezes. Regiões nas quais foram gravados trechos de filmes como 'Gladiador', 'Lawrence da Arábia', 'A Múmia', 'Cruzada' e outros, são comuns e atraem os fãs de forma irresistível. Há bastante por considerar ao reunir tanta informação vinda de empolgantes vozes de guias apaixonados por sua terra, pelo motorista com o zelo de quem protege, mas que se diverte com invejável humor a cada parada, a cada destino a envolver seus curiosos passageiros.

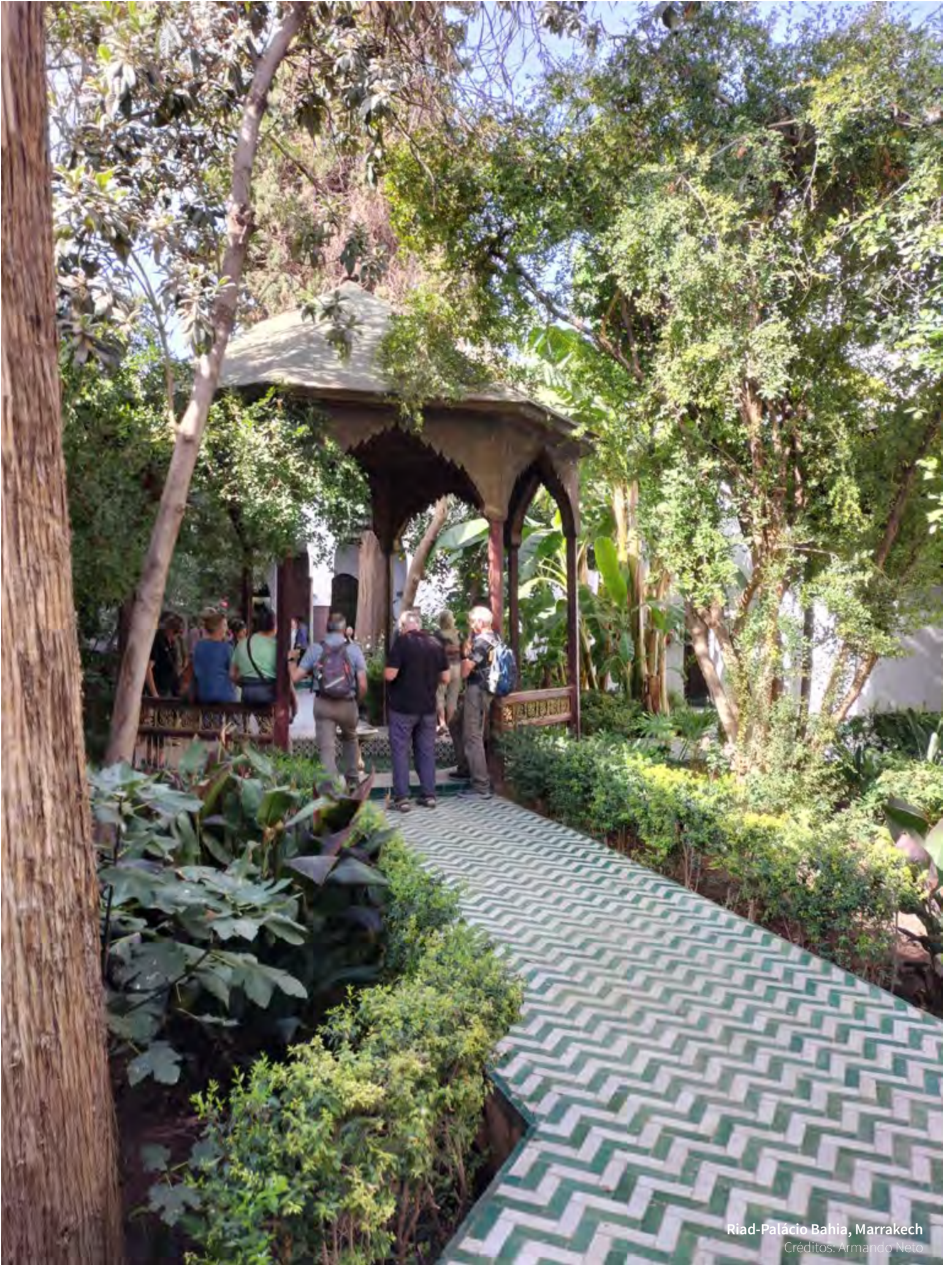
Em seguida, logo se chega a Marrakech. É evidente que a cidade merece outro texto, mas o resumo será aqui uma necessidade a permitir o desfecho localizado no deserto. Logo, muita coisa ficará sem a devida apresentação e a consequente representação imaginativa. Paciência, penso. Para quem entra no Palácio Bahia (século XIX), a visão da arquitetura e dos desenhos é capaz de transportar à novela histórica que se fez outrora tanto nos cômodos e corredores quanto no riad (jardins com fonte e caminhos). A atmosfera local ganha espaço e poder em cada passo dado, em cada impressão alcançada. Mas nem só de palácio viverá o turista e, como manda o figurino turístico, irrompe-se uma explosão de compras nos famosos pontos de mercado. Cores e cheiros abundam pelas ruas e também nas lojas cujas aulas são ministradas por especialistas, em minutos de concentrada experiência. Da medicina à estética, o passado se impõe ao presente em lindos potes ou em pequenos frascos, saquetas e caixas. Tapetes, couro, cerâmica, etc., são minuciosamente mostrados também, lá e em outros lugares. Tudo parece ser possível, as lembrancinhas carregam em si o país inteiro dentro das malas dos visitantes. E vários deles finalmente avançam ao deserto.

Como descrever um mar de areia que é repleto de aventura e ondas de emoções? Dizer: só vendo, é uma realidade que tentarei contornar, embora claramente impossível, bem sei, mas insisto.

Entre num carro 4x4 cujo motorista lhe sorri e demonstra fazer as honras da apresentação de um trecho da sua terra, da sua vida, o deserto do Saara. Uma fila de veículos anda uns poucos quilómetros até chegar às areias sobre as quais se aumenta o volume da música marroquina e o vento passa a invadir o interior com a emocionante velocidade conquistada. Aos poucos, dunas gigantescas ficam visíveis. Tudo combinado... ao sol que as aquece e ilumina, uma comunhão entre o céu e a terra.



Andréa à porta da universidade (ano 859) em Fez
Créditos: Armando Neto



Riad-Palácio Bahia, Marrakech
Créditos: Armando Neto



Caminho de acesso à tenda, deserto do Saara
Créditos: Armando Neto

Depois das empolgantes filmagens hollywoodianas, todo o encanto se amplia com o ingresso às tendas. Já à entrada, vê-se a cama decorada com fortes cores e tons e almofadas, mesas e cadeiras, lustre, decoração. À frente, em outro cômodo, uma pia palaciana com toalhas e, dos dois lados, ambientes com chuveiro e sanita. Pode tudo aquilo existir no deserto ou será a famosa ilusão tão bem conhecida através dos filmes? Pode e deve ser tocado e admirado. É como viver a história, como experimentar um filme, como se deixar levar pelo inusitado...

Bem, como em um filme também, logo se iniciam os passeios pelas dunas que podem chegar a 150 metros de altura, e adivinhe qual é o meio de transporte? Exatamente! Camelos, aqueles de uma corcova (ou bossa), conhecidos por dromedários. Mansos, já acostumados com o ser humano, com o trabalho local. Então, é o momento de sentar-se à sela sob a orientação do guia, fazendo com que o camelo se levante e seja possível ficar a uma considerável altura do chão. É uma sensação e tanto imediata. Prontamente o passeio tem início, avançando às subidas arenosas e até ao ponto mais alto, onde se desce e o horizonte ganha os olhares até ao pôr do sol. Conversas (uma verdadeira torre de Babel) e admirações tomam conta do lugar diante daquela bola amarela e alaranjada, cuja descida faz a coloração das areias se modificar: bege, caramelo, castanho, chocolate... Tons avermelhados entram em cena, um verdadeiro teatro gigante coordenado com precisão e raro talento vindos da natureza.

Retorna-se ao acampamento sobre o dócil vaivém causado pelo andar desprezioso dos camelos, descendo através das dunas já abundantemente fotografadas e gravadas no fundo da alma.

No local existe um restaurante que mais se assemelha aos contos das 'Mil e Uma Noites', disposto com mesas fartamente decoradas por cores hipnóticas, arranjos de guardanapos sobre os pratos e uma promessa de sedução. Entradas e bebidas antecedem os pratos típicos que incluem 'Tagine de Frango' e carneiro, por exemplo, com temperos e texturas únicos. Frutas e chá de menta selam o banquete, propondo uma breve caminhada sob o estreladíssimo céu do deserto.

O sono, por sua vez, ganha o conforto dos lençóis no exótico quarto da tenda. São sonhos, também verdades. Da monumental mesquita ao deserto, tudo é possível, a beleza das paisagens e das construções, a história, a vida contemporânea do povo, o real, a magia. Saara, decerto!


Aos poucos, o retorno é a direção tomada. Outras estradas e lugares tomam forma até ao fim da viagem. Senhoras e senhores passageiros com destino a Lisboa, bem-vindos...



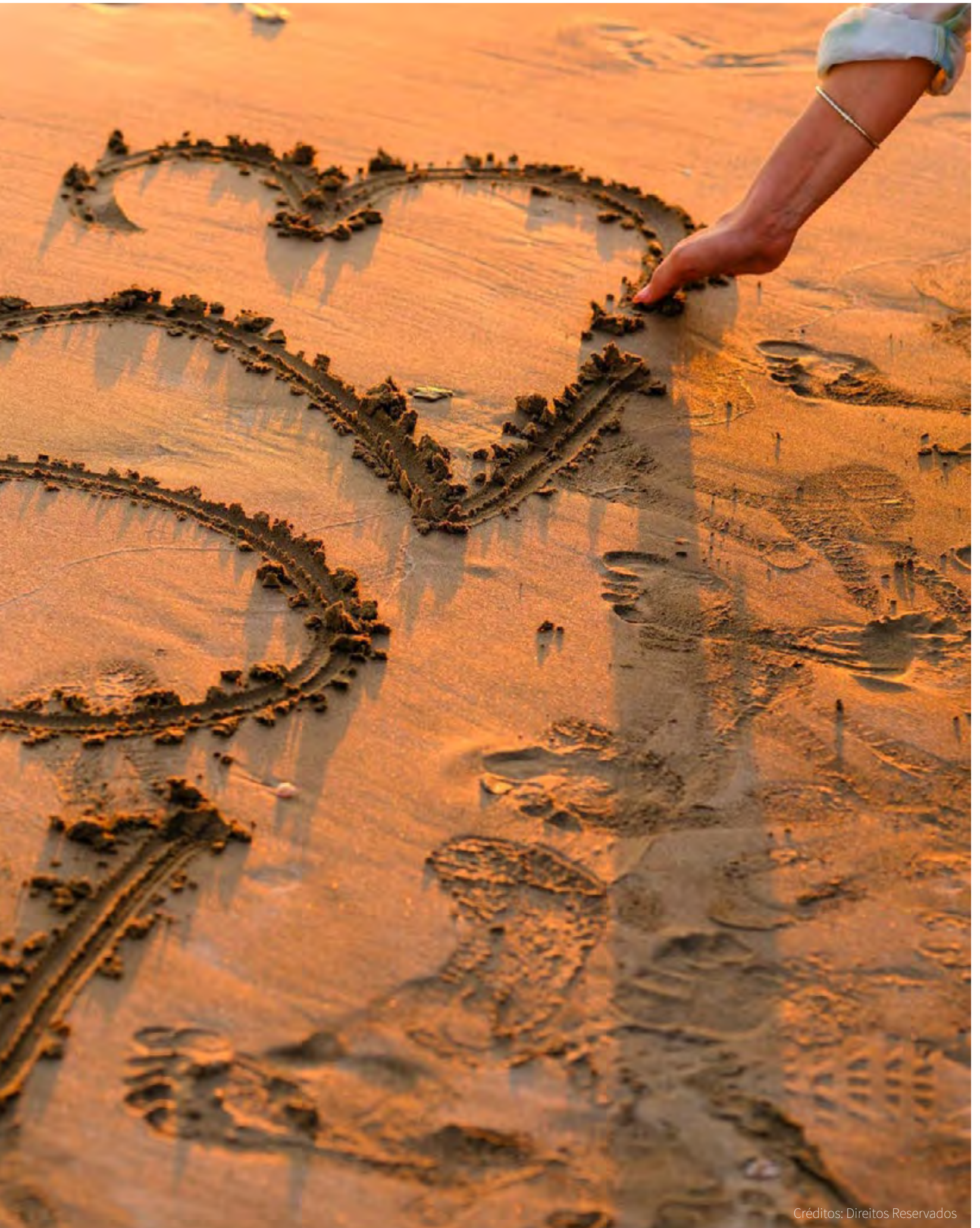
Interior da tenda, deserto do Saara
Créditos: Armando Neto

Armando Correa de Siqueira Neto
Psicólogo e Mestre em Liderança



An aerial photograph of a vast, arid desert landscape. The terrain is a mix of light and dark sand, with several winding, dark paths or tracks snaking across it. Small, dark, irregular shapes are scattered along these paths, possibly representing small structures or vegetation. The overall scene is bathed in a warm, golden light, suggesting a sunset or sunrise. The text is overlaid on the left side of the image.

Os temas incontornáveis que vão marcar Portugal e o mundo



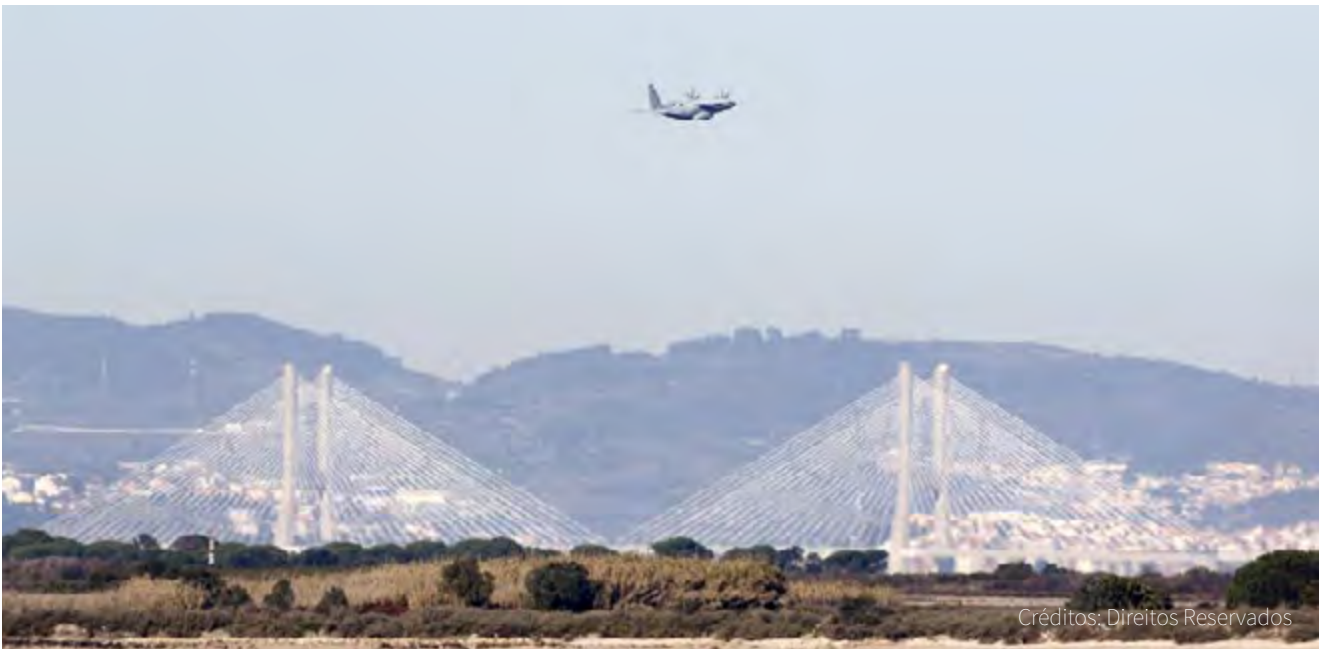
Créditos: Direitos Reservados



Créditos: Direitos Reservados



Créditos: Direitos Reservados



Créditos: Direitos Reservados

Eutanásia: à terceira será de vez?

O ano arranca com um tema quente. Depois de, a 9 de dezembro de 2022, o diploma que estabelece a despenalização da morte medicamente assistida ter sido aprovado em votação final global na Assembleia da República, espera-se agora o veredicto do presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. Note-se que o chefe de Estado já esteve nesta posição noutras duas ocasiões: numa delas, em fevereiro de 2021, enviou a lei para o Tribunal Constitucional (que a chumbou); na outra, em novembro do mesmo ano, vetou politicamente o decreto. Agora, o mais provável é que volte a requerer a fiscalização preventiva dos juizes do Palácio Ratton. Em termos de iniciativas legislativas, o ano será ainda marcado pela oitava revisão constitucional em Portugal.

Prego a fundo no PRR

Este será também um ano crucial na execução dos fundos europeus, com particular ênfase para os valores relativos ao Plano de Recuperação e Resiliência (mais de 16 mil milhões de euros até 2026). Segundo contas feitas pelo JN em outubro de 2022, Portugal deve registar, este ano, um recorde no lucro com fundos europeus: perto de 22 milhões de euros a cada dia. A maior parcela de fundos até chegará por via do último ano de execução do Portugal 2020, mas as atenções estão focadas numa “aceleração da execução do PRR”, conforme consta no OE2023. O investimento na ferrovia é o que absorve mais fundos europeus (2110 milhões de euros), mas também as obras de expansão dos metros de Lisboa, Porto e Mondego (1649 milhões), em que se inclui a construção de uma nova ponte entre Porto e Gaia, a Educação (1412 milhões, com destaque para as obras em escolas e aumento das vagas em residências para alunos do Superior), a construção e requalificação de hospitais (942 milhões) e a habitação em custos acessíveis (500 milhões) mobilizam quantias importantes.

Um raio-X aos abusos na Igreja

Para 16 de fevereiro, está prevista a apresentação do relatório final da Comissão Independente para o Estudo de Abusos Sexuais de Crianças na Igreja Católica Portuguesa. Liderado pelo pedopsiquiatra Pedro Strecht, o organismo iniciou funções no início do ano passado e, ao longo dos últimos meses, tem recolhido testemunhos de vítimas, entrevistado bispos e consultado os arquivos da Igreja com o objetivo de esboçar um retrato da realidade dos abusos de menores pelo clero português desde a década de 1950 até à atualidade. No último ponto de situação, feito em outubro, tinham já sido recolhidos mais de 400 testemunhos de abusos e identificados indícios de encobrimento por parte de vários bispos portugueses, incluindo alguns atualmente no ativo. O trabalho deste organismo teve já o condão de desencadear um debate público inédito sobre o tema, com vários casos polémicos a virem a público.

Aeroporto de Lisboa a descolar

Depois de PS e PSD terem finalmente chegado a acordo para avançar com obras no Aeroporto Humberto Delgado (Portela) e para definir a metodologia do estudo que deverá apontar a solução mais favorável para um novo aeroporto na capital, este é o ano em que se espera ver desbloqueado um imbróglcio que dura há 50 anos. O Governo impôs à Comissão Técnica Independente, constituída por seis professores universitários, o prazo limite de 31 de dezembro de 2023 para apresentar o relatório de Avaliação Ambiental Estratégica (AAE). Até ver, há cinco soluções em avaliação: Portela + 1, com o Montijo a ficar como aeroporto complementar; Portela + 1, com Santarém a ficar como aeroporto complementar; Montijo + 1 (neste caso, seria a Portela a ficar como número 2); Alcochete; Santarém (nestas duas últimas hipóteses, a ideia seria a construção de um aeroporto internacional que substituiria integralmente a Portela). Mas a Comissão pode ainda sugerir outras alternativas.



A guerra que é de todos

Tudo indica que quando, a 24 de fevereiro de 2022, Vladimir Putin deu ordens para bombardear a Ucrânia tinha em mente uma guerra-relâmpago que lhe permitisse assumir o controlo de zonas estratégicas dos territórios vizinhos em menos de nada. Mas os planos saíram furados, o presidente da Rússia não contava com a estoica resistência do país vizinho, o conflito eternizou-se. E assim este flagelo que foi sombra global no ano que agora findou, voltará a ser nota dominante neste que agora começa. Porque, além de não se desenhar uma possibilidade verosímil de fim, ainda há uma ameaça nuclear a pairar. Porque de alguma forma o conflito tem permitido aos EUA ganhar uma preponderância geopolítica crescente, porque há uma avalanche de consequências económicas que já se fazem sentir e que prometem exponenciar-se com a continuidade do conflito: o aumento do preço dos combustíveis, da energia, dos alimentos, do custo de vida no geral. Em suma, a inflação deverá voltar a ser uma das protagonistas do ano.

Ano-chave na Saúde

Com uma recém-criada direção executiva do SNS (que tomou posse em dezembro) e um novo titular da pasta da Saúde (o socialista Manuel Pizarro rendeu Marta Temido em setembro), é grande a expectativa para perceber o que 2023 trará nesta área crucial e sempre sensível. Uma das grandes questões em aberto relaciona-se com o eventual fecho das maternidades e serviços de obstetrícia, medida sugerida, ainda no ano passado, pelo grupo de trabalho criado para dar resposta à crise nos serviços de urgência. O próprio Fernando Araújo, diretor executivo do SNS, admitiu, em dezembro, que “poderão ser encerradas maternidades” no decorrer deste ano. Mas há outras questões cruciais em aberto: a crónica fuga de médicos do SNS para os privados, a melhoria das condições de clínicos e outros profissionais de saúde, o novo regime de pagamento das horas extraordinárias aos médicos, os tempos de atraso em consultas e cirurgias (incluindo em áreas críticas como a oncologia e a cardiologia) que é preciso recuperar, entre outras. E uma dúvida-chave a ecoar: será a nova direção executiva do SNS capaz de dar resposta a esta miríade de problemas?

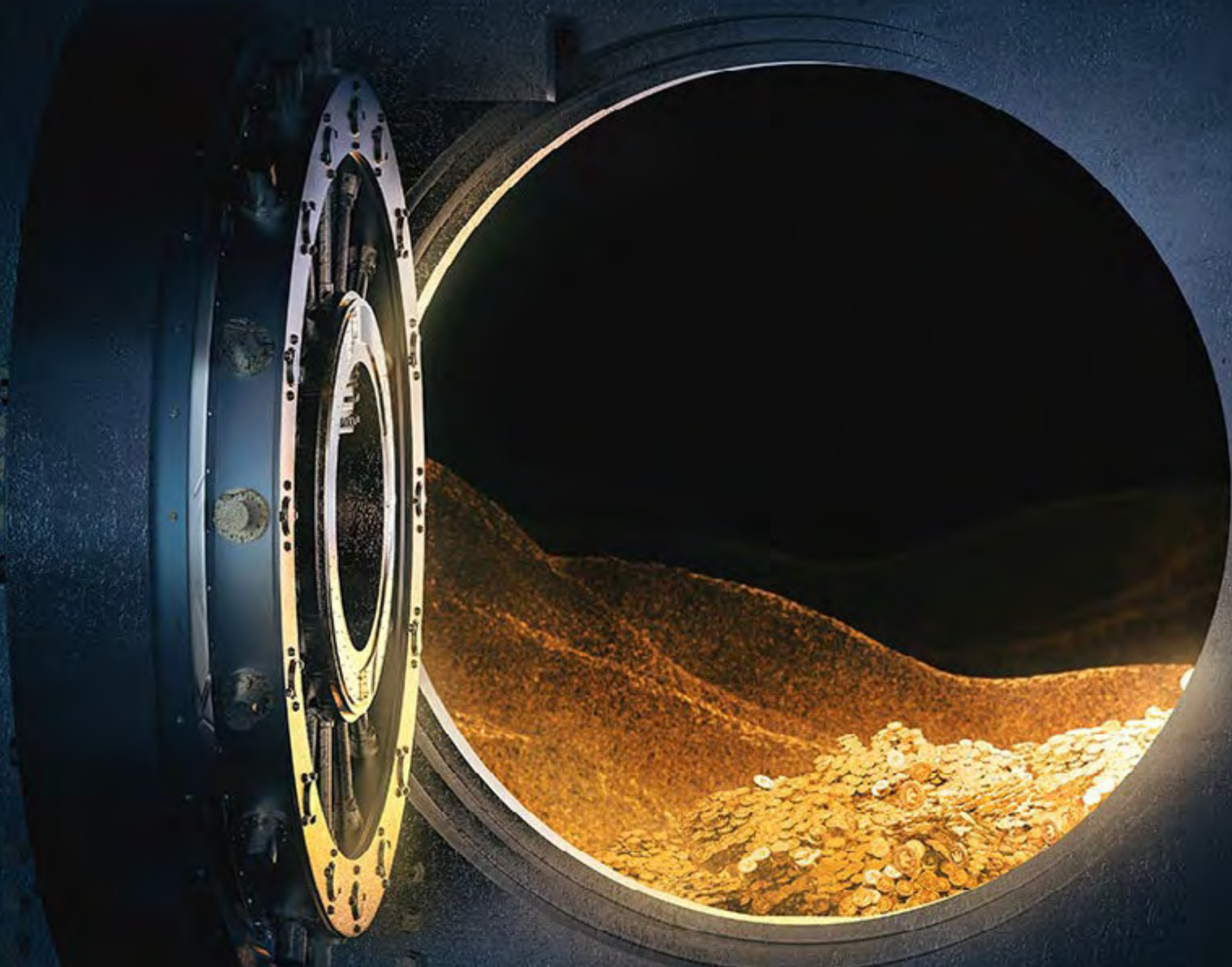
O maior evento de sempre

No início de agosto (de 1 a 6), decorre, em Lisboa, “o maior evento que aconteceu alguma vez em Portugal”, nas palavras do coordenador, José Sá Fernandes. A Jornada Mundial da Juventude, um evento religioso instituído pelo Papa João Paulo II em 1985, tem já 300 mil inscritos, mas espera-se que o número de participantes possa ascender ao milhão. Segundo D. Américo Aguiar, bispo auxiliar de Lisboa e presidente da Fundação Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023, os problemas de saúde que têm incomodado o Papa Francisco, a celebrar dez anos de pontificado, não deverão impedi-lo de marcar presença no evento. É expectável um retorno de 350 milhões de euros.

Seleção feminina apontada ao Mundial

A seleção portuguesa de futebol feminino está a um passo de fazer história, podendo apurar-se, pela primeira vez, para o Mundial da modalidade. Para isso, a equipa das quinas terá de superar um último obstáculo, um play-off intercontinental que será disputado a 22 de fevereiro, na Nova Zelândia, contra os Camarões ou a Tailândia (ainda está por definir). O Mundial joga-se de 20 de julho a 20 de agosto, na Austrália e na Nova Zelândia. De resto, destaque para o Campeonato do Mundo de andebol, que será disputado na Polónia e na Suécia, de 11 a 29 de janeiro, e para o Mundial de rãguebi, que decorrerá em França, de 8 a 28 de outubro. Ambos contarão com a presença da equipa das quinas. Uma nota ainda para os Jogos Europeus, que acontecerão de 9 a 25 de junho na Polónia, e para os Mundiais de atletismo, a disputar de 19 a 27 de agosto, em Budapeste.

**No planejar
é que está o ganho**



Especialistas ajudam a evitar erros para esticar o salário até ao final do mês. Analisar os gastos com rigor e poupar à cabeça é preciso, para não se perder o controlo das finanças.

Apagar luzes e fechar torneiras quando não são necessárias, adequar a temperatura do esquentador, comprar eletrodomésticos eficientes, evitar o cartão de crédito para não pagar juros, levar marmita para o trabalho e partilhar boleias de carro, se não se puder recorrer a meios suaves ou transportes públicos. São várias as dicas para evitar desperdícios, mas não há propriamente uma lista mágica para tirar as famílias do vermelho, até porque cada uma deve olhar para o seu caso específico e perceber onde há (se ainda houver) margem para poupar. Mas há coisas que são fundamentais: saber com exatidão para onde vai o dinheiro, o que é realmente essencial e planejar os gastos.

Entre os erros cometidos, um dos mais frequentes é o desconhecimento. "As pessoas não fazem ideia para onde vai o seu dinheiro", lamenta Bárbara Barroso, fundadora do laboratório de literacia financeira Moneylabm apontando que, "saber com exatidão vai ajudar a fazer os ajustes necessários". "Se fizermos um mapeamento das entradas e saídas, por vezes somos confrontados com um nível de gastos em algumas rubricas que não era o que esperávamos".

Inês Correia, mentora de finanças pessoais, lança um desafio: durante um mês, anotar os gastos todos. "Ajuda a perceber onde estamos a gastar o nosso dinheiro. Até porque, hoje em dia, com tantas transações virtuais, nem sempre temos essa consciência", sublinha.

Outro erro, realça Bárbara Barroso, é não "poupar à cabeça", ou seja, mal se recebe o dinheiro, deve-se retirar uma parcela para poupar. As boas práticas recomendam que seja 10% do rendimento e indicam que as famílias devem ter, também, um fundo de emergência com, pelo menos, seis vezes o rendimento mensal. É essencial para enfrentar imprevistos, mas nem todas conseguem. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, a taxa de poupança das famílias caiu para 8,3% no 1.º trimestre de 2022. Mesmo assim, é importante não desistir. "Se só conseguir 1%, poupe 1%", recomenda Bárbara Barroso.

Natália Nunes, da Deco, aconselha as famílias a analisarem os seus hábitos, perceberem o que é essencial e onde estão a gastar o salário. "Há famílias que não falam de questões monetárias", sendo habitual colocar num dos elementos do casal a tarefa de lidar com o dinheiro. Mas neste processo é importante "envolver todos os elementos da família", aproveitando para "incutir nas crianças noções de gestão de orçamento e tomada de opções", sugere a especialista da associação para a defesa do consumidor.

Definir orçamento até para os sonhos

Planejar é fundamental. Isto vale não apenas para as despesas com a casa e com a alimentação, as duas principais das famílias, mas também para os transportes, lazer e até para preparar o ano letivo que se avizinha. Cada um dos setores deve ter um orçamento definido à partida.

Para além da inflação, "já houve um aumento das taxas de juro e prevê-se que haja novo aumento, nomeadamente da Euribor, associada aos créditos à habitação", o que pode ser "um peso grande para as famílias", alerta Inês Correia. Por isso, deve-se tentar perceber se é possível "renegociar o spread e os seguros ou até mudar o crédito para outra instituição bancária".

Natália Nunes reforça que "não deve existir" aquela ideia de relações para o resto da vida: "Devemos estar atentos ao mercado e ver se aquilo que temos contratado com bancos, seguros, telecomunicações, etc., está ajustado e tentar renegociar ou alterar". De acordo com a especialista da Deco, o somatório dos vários créditos "nunca deve representar mais de 35% do rendimento líquido mensal". Quem quiser pode acompanhar a sua informação na central de responsabilidades de crédito no site do Banco de Portugal.

Respeitar a lista de compras – que se faz após analisar a despesa e planejar as refeições – não é algo menor. Evita que as pessoas sucumbam a promoções de que não necessitam e percam o controlo no supermercado. Ir com tempo permite comparar preços para fazer melhores opções.

Deve haver orçamento para todos os setores. Inclusive, frisa Natália Nunes, para os "sonhos". Ali podem encaixar-se as atividades de lazer (as que não se conseguem gratuitamente), as férias ou algum equipamento que se deseje. Segundo Inês Correia, reservar uma fatia do rendimento para gastos com lazer, quando as outras despesas estiveram asseguradas, permite usufruir destes momentos "com tranquilidade e sem culpa".



TODOS OS MUROS **CAEM**



Créditos: Direitos Reservados

Riscar a linha do limite ensina a desenhar a expansão. A linha do limite é diferente para cada país, para cada povo, para cada ser humano. Desenhar a linha do limite é obrigar os outros a pararem de fazer algo que nos agride, nos humilha ou nos enfraquece. Segundo os dados da HRANA, a Agência de Notícias Iraniana para os Direitos Humanos, foram precisos três meses de protestos, perto de 500 mortos e cerca de 17 mil detenções para o Estado Islâmico anunciar a suspensão da hedionda e discricionária Polícia da Moralidade. Entre as baixas, cerca de 60 são menores. Entre os detidos estão jornalistas, artistas, realizadores de cinema e figuras públicas, professores, médicos e obviamente ativistas, incluindo defensores dos direitos dos animais. A revolução no Irão acontece por todo o país, com manifestações em uma centena e meia de cidades, em 23 das 31 províncias do país. As escolas e universidades envolvidas são mais de uma centena e foram determinantes para a revolta que move uma nação exausta do garrote extremista. Estes dados vão estar desatualizados quando esta crónica for publicada. A anunciada suspensão da Polícia da Moralidade, a mesma que prendeu Mahsa Amini por uso indevido do véu, pode apenas ser uma manobra de cosmética para acalmar os ânimos no país e iludir a opinião pública internacional. As unidades de patrulhamento continuam a atuar pelas ruas e não existe uma indicação clara de que esta polícia tenha sido extinta. No entanto, o procurador-geral Mohamed Jafar Montazeri proferiu no passado fim de semana uma declaração no sentido de rever a lei que dita a obrigatoriedade do uso do hijab. O hijab é o Muro de Berlim do Irão, e, como todos os muros, irá cair. Os muros caem com as revoluções e as revoluções acontecem depois de décadas de sofrimento, de injustiças e de atrocidades. O Muro de Berlim durou 28 anos e foi derrubado na noite de 9 de novembro de 1989 pelas mãos da população de ambos os lados.

Em Portugal, que muros caíram desde a Revolução de Abril de 1974? É verdade que as mulheres conquistaram direitos básicos que lhes foram negados durante o regime da ditadura, como o de viajar sem autorização do marido ou de constituir sociedades comerciais livremente, o direito ao divórcio e mais tarde o direito ao aborto. Se pensarmos que só em 1976 foi abolido o direito de o marido poder abrir (o verbo violar seria o mais correto) a correspondência da mulher e que no tempo de Salazar uma professora do Ensino Primário precisava de apresentar uma autorização do pai, um parecer positivo do diretor do distrito escolar na qual lecionava e uma autorização dos Ministério da Educação Nacional para casar, já dá uma ideia às novas gerações do alcance das medidas machistas e tentaculares de uma sociedade patriarcal, misógina e atrasada. A sociedade portuguesa atual mudou, mas o caminho das pedras para a igualdade de género é uma tarefa perpétua, no qual as linhas traçadas vão avançando a duras penas. Cá andamos para o cumprir, em pequenos ou grandes passos, derrubando muros de pedra ou de pano, dentro e fora das instituições, fora e dentro de casa, para que as nossas filhas e netas possam viver numa sociedade cada vez mais igualitária e justa.

Margarida Rebelo Pinto

NM



Janeiro

Horóscopo

Janeiro é um dos meses mais importantes em termos de horóscopo. Para muitas pessoas, inconscientemente implica a chegada de um novo começo, quando você pode transformar uma folha em branco. Pode começar a escrever na página não escrita, e é consigo como vai construir a sua vida.

O horóscopo para janeiro de 2023 tem de ter em conta o que as pessoas têm enraizado. Mesmo que as estrelas lhe mostrem um determinado caminho, em janeiro, é provável que não o siga, se não gostar da direção que lhe estão a indicar.

Planetas em Janeiro de 2023

O Sol em Capricórnio

Neste período pode haver uma espécie de desaceleração em relação às suas ambições. Poderá sentir a necessidade de estar sozinho e em reclusão. Eventualmente, isso pode levá-lo a agir em benefício próprio, independentemente de outras pessoas. Você pode parecer inacessível ou mesquinho e, em situações extremas, egoísta. Vai gostar de trabalhar e terá a possibilidade de descansar, também será minucioso e perfeccionista.

Vénus em Aquário

Este período será um pouco mais frio quando se trata de amor. No entanto, vai gostar, mais do que nunca, de estar perto dos seus amigos. A sua personalidade é de alguma forma atraente para muitas pessoas. Tenha atenção porque pode acabar com as pessoas erradas.

Mercúrio em Capricórnio

Neste período, você anseia por ser respeitado para que não se sinta perturbado se alguém pensar que é um tolo. Por isso, estará em silêncio e em espera. Graças a esta posição, o pensamento conservador pode aparecer, especialmente quando se trata de relacionamentos e humor seco.

Marte em Gémeos

Durante este período, vai gostar de se educar, por exemplo, através da leitura. Geralmente espera por uma nova informação que possa utilizar mais tarde. Os seus argumentos serão muito fortes e com eles será capaz de se livrar de qualquer coisa. No entanto, a sua personalidade pode ficar um pouco desequilibrada e instável, como se houvesse um conflito pessoal dentro de si. Quando estiver stressado, usará o sarcasmo como um mecanismo de defesa.



AQUÁRIO

As suas capacidades de premonição, de adivinhar situações, estão a beneficiar da passagem do Sol pela Casa astrológica relativa aos assuntos espirituais e do inconsciente, pelo que poderá ter, ao longo deste mês, uma maior perceção extrassensorial. Também alguma ansiedade e tristeza aparentemente injustificadas vão poder dominar a sua mente.



CAPRICÓRNIO

Está a iniciar um novo ciclo de vida muito propício ao êxito. Sente-se muito enérgico e com grande criatividade, o que lhe pode ser francamente útil em termos de trabalho. Também poderá sentir que está mais virado para si mesmo e para os seus assuntos pessoais e que presta menos atenção ao mundo que o rodeia.



SAGITÁRIO

O Sol transita na sua Casa II indicando que poderá ter de redobrar os seus esforços para equilibrar as suas finanças. Analise bem o que tem para poder melhorar num futuro próximo. Cuidado com as sociedades que faz e com a utilização pouco prudente de fundos. Pense bem antes de dar destino ao dinheiro.



ESCORPIÃO

É provável que durante este trânsito sinta um grande desejo de movimento, o que lhe poderá gerar alguma tensão. Procure fazer coisas diferentes, como uma pequena viagem ou iniciar um estudo sobre um tema inovador. Se não aliviar essa tensão é possível que se venha a sentir muito insatisfeito e frustrado.



BALANÇA

Ao longo deste período encontrar-se-á voltado para o lar e a vida privada. É possível que a família e os filhos ou até mesmo um amigo exijam agora mais a sua atenção e disponibilidade, procurando o seu apoio. O seu lado intuitivo está agora mais aguçado, pelo que poderá confiar no seu instinto para tomar decisões.



VIRGEM

Este é um período em que se sentirá livre para expressar a sua realidade e mostrar-se como realmente é aos outros, traçando os seus objetivos e opondo-se vigorosamente a quem não lhe deixar seguir o rumo traçado. É uma época de maior espontaneidade e extroversão que o levará a viver a vida com maior prazer e alegria.



LEÃO

É a altura ideal para se dedicar a obrigações ou àquelas tarefas inadiáveis. Poderá também sentir que está mais disponível para atender às necessidades das pessoas que trabalham consigo. Digamos que consegue entender quanto estamos todos dependentes uns dos outros para satisfazermos as nossas necessidades.



CARANGUEJO

Durante este período poderão surgir alguns assuntos relacionados com a lei, meios administrativos ou questões burocráticas que requeiram a sua atenção para serem resolvidos. Não estranhe nem se deixe dominar se surgirem contrariedades, oiça alguém de fora com uma visão independente e imparcial dos factos.



GÉMEOS

Neste período poderá achar que chegou ao fim de uma fase da sua vida sentido necessidade de se preparar psicologicamente para uma nova etapa. Apesar da vida agitada que leva tente arranjar um tempo só para si aproveitando-o para auto-analisar-se e descobrir os seus pontos fortes, sentir-se-á melhor consigo e com o mundo.



TOURO

Este é um tempo de expansão, de crescimento, de evolução e de alargar horizontes tanto interiores como exteriores; aproveite e junte um grupo, ou junte-se a um grupo de amigos, para fazer novos projetos, discutir novas ideias ou até programar e realizar uma viagem diferente. Sentirá agora um maior interesse no campo espiritual, analisando temas religiosos e as suas derivações metafísicas.



CARNEIRO

É um bom período para investir na sua carreira, para mostrar as suas capacidades de trabalho ou para concretizar um plano de longa data. É possível que sinta que as suas atitudes têm um maior impacto do que o habitual no mundo exterior. A sua vida profissional poderá proporcionar-lhe um envolvimento afectivo.



PEIXES

Neste momento, pode expor as suas ideias e convicções com a certeza de que irão ser bem aceites e conferir uma nova dinâmica ao grupo em que se insere, trazendo-lhe uma lufada de ar fresco. Esta pode ser também uma boa altura para viajar. No campo amoroso, que tal planear algo de exótico com a pessoa que ama?

Bacalhau

à Assis

Culinária

O bacalhau à Assis nasceu na região da Covilhã. De confeção simples, tem na sua origem a improvisação causada pelo frio da serra da Estrela. É um prato que junta bacalhau, batata, cenouras, cebola, azeite, presunto, pimento Morrone, ovos e salsa. Inspire-se pela arte do improviso.

SERVE 6 PESSOAS

TEMPO DE PREPARAÇÃO: 45 MINUTOS

DIFICULDADE: FÁCIL

INGREDIENTES

- 600 g (3 postas) de bacalhau seco salgado
- 150 g (1 naco) de presunto
- 1 kg de batata
- 500 g (4 unid.) de cenoura
- 300 ml de óleo
- 1 c. de sobremesa de sal
- 200 g (2 unid.) de cebola
- 100 ml de azeite
- 150 g (1 unid.) de pimento verde
- 150 g (1 unid.) de pimento vermelho
- 5 ovos
- 1 ramo de salsa
- pimenta q.b.

PREPARAÇÃO

1. Desfie o bacalhau em seco tirando-lhe a pele e as espinhas. Passe-o várias vezes por água para lhe tirar o sal e deixe-o de molho até o utilizar. Antes de o confeccionar, escorra-o bem e seque.
2. Corte o presunto em tiras finas e pequenas e coloque em água durante 10 minutos.
3. Descasque as batatas e as cenouras e com a ajuda de um ralador grosso, corte em palha. Reserve as cenouras.
4. Coloque as batatas num passador e lave-as. Enxugue e frite em óleo quente.
5. Escorra bem em papel absorvente e tempere-as com metade do sal.
6. Descasque e corte as cebolas em rodelas finas, e aloure numa frigideira com o azeite.
7. Junte os pimentos, cortados em tiras, o presunto e a cenoura.
8. Adicione o bacalhau desfiado e deixe refogar muito bem, em lume brando. Misture as batatas e envolva tudo.
9. Entretanto, bata os ovos, misture a salsa picada, tempere com pimenta, o restante sal e junte ao preparado de bacalhau.
10. Mexa com um garfo até os ovos ficarem cozidos mas húmidos. Sirva de imediato.



QUE TAL É A SUA TELEVISÃO?



24 horas por dia, 7 dias por semana.

Ligue e peça o canal WIN TV

Bell Bell Fibe 659 | 1-866-797-8686

Rogers Rogers Cable 672 | 1-888-764-3771

IGNITE TV 880

Subscreva hoje! CAMOESTV.com